

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 9.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 753 / €1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

## FUGA DE PRESOS

# SUSPEITA DE DEMORA EXCESSIVA DO ALERTA À GNR E À PJ SOB INVESTIGAÇÃO

Autoridades policiais só terão sido informadas da fuga dos cinco reclusos pelo menos mais de uma hora após os guardas da cadeia de Vale de Judeus a terem constatado. A Direção-Geral dos Serviços Prisionais confirmou ao DN que este é um dos aspetos em investigação no inquérito que instaurou. **PÁGS. 8-9**



JOSE SENA GOUALAO/EPA

## PSD QUEM ACONSELHA MONTENEGRO? MANUEL, PEDRO, PAULO, ANTÓNIO, HUGO E ALGUNS ILUSTRES

PÁGS. 4-5

**APROXIMA  
PORTUGAL-BRASIL**  
“Há espaço para  
crescimento nos negócios  
entre Brasil e Portugal”



PÁGS. 14-15

## QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT ARNALDO AZEVEDO CHEF

“A comida mais estranha  
que experimentei? Crocodilo,  
nem é carne nem é peixe”

PÁG. 13

## PEDRO DOMINGOS INVESTIGADOR

“A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL LEVA A UMA  
DEMOCRACIA QUE FUNCIONA MELHOR  
DO QUE AQUELA QUE TEMOS HOJE”

PÁGS. 20-21



## JEFF GOODELL JORNALISTA

“PRECISÁVAMOS QUE HOUVESSE  
UMA FIGURA COMO LUTHER KING  
NA LUTA PELO AMBIENTE”

PÁGS. 24-25



**VENEZUELA GONZÁLEZ FOGE PARA O EXÍLIO, MAS MARÍA CORINA MACHADO PROMETE “LUTAR ATÉ AO FIM”** **PÁG. 18**



## Editorial

**Bruno Contreiras Mateus**

Diretor interino do Diário de Notícias

# Na defesa da “confiança pública”

A história de um jornal, que no primeiro número assumiu que “não faz senão uma promessa e é que buscará corresponder à confiança pública”, em quase 160 anos passou, em vários momentos críticos, pela luta e resistência da sua redação – e este último ano foi o mais desafiante em democracia para o Diário de Notícias.

Esta direção interina, que hoje cessa funções, perseguiu os valores da fundação deste jornal – o de bem servir os leitores e o de trazer confiança em relação ao futuro do DN –, mas nunca, em momento algum, o fez sem a força e resistência desta redação, que, determinada, nos permitiu ir para as bancas e marcar a atualidade *online* todos os dias (o meu obrigado mais profundo a todos).

Neste ano esperamos e continuamos a esperar que os *media* em Portugal prossigam resilientes e independentes e que o governo não desconsidere nem desvalorize a comunicação social como um dos pilares da democracia. Isso exige mais do

que sinais, exige um diálogo urgente que procure encontrar soluções para ultrapassar a profunda crise que os *media* enfrentam, assumindo que só existirá confiança na defesa do jornalismo se não se esquecerem das direções dos órgãos de comunicação social (OCS), dos representantes dos jornalistas, repórteres de imagem e gráficos, e da academia, que forma profissionais e tem docentes e investigadores dedicados aos temas do financiamento dos *media*. Foi pelo menos esta a promessa do ministro dos Assuntos Parlamentares para traçar o plano de ação de apoio aos *media*, que ainda não tem data de apresentação. Pedro Duarte, no entanto, já adiantou que não defende a gratuidade do serviço da Lusa, prefere uma redução de custos para os OCS – é o que se sabe, para já.

Um jornalismo livre e rentável depende da “confiança pública” nos nossos OCS, depende da perceção de valor que os portugueses têm do jornalismo que fazemos e que os faz pagar por este serviço

à democracia. É fundamental por isso considerar que a necessidade de informação é central na busca por resultados positivos no financiamento dos *media*.

ODN procurou ser sempre incontornável no jornalismo de imprensa e *online*. Para garantir o seu futuro – defendo e gostaria de um dia ver acontecer e até de participar neste processo – tem um arquivo com 160 anos e mais de um milhão de pá-

“

**Sem inovação não haverá futuro para o jornalismo. É fundamental, por isso, apoiar-se a inovação e a formação de novas competências nos *media* neste país.”**

ginas de jornal, que deverão ser disponibilizadas aos nossos leitores *online*, um dia, para melhor informar e mostrar também a relevância do jornalismo na construção da memória coletiva. O DN tem conteúdo para monetizar, mas carece, no entanto, de investimento – nomeadamente em ferramentas de inteligência artificial que o coloquem na vanguarda digital.

Sem inovação não haverá futuro para o jornalismo. É fundamental, por isso, apoiar-se a inovação e a formação de novas competências nos *media* neste país.

É num momento de expectativa, mas também de grande esperança, que saúdo a nova direção do DN, que a partir de hoje entra em funções. Agradeço profundamente aos leitores pela confiança e deixo um elogio ao trabalho excecional dos meus colegas de direção, Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino, e, mais uma vez, a uma redação marcada pela abnegação, que fez muito mais do que informar – lutou sempre por um jornalismo livre e responsável.

## OS NÚMEROS DO DIA

40

### MINUTOS

Tempo que os guardas da prisão de Vale dos Judeus demoraram a dar pela falta dos cinco fugitivos. De acordo com informação das câmaras de vigilância, a fuga deu-se às 9h56.

4

### MIL

Número de ocorrências registadas no último ano letivo pelos agentes do Programa Escola Segura (PES), quase três mil das quais de natureza criminal. Em relação a 2022/23, há um aumento de 5,5%. A maioria aconteceu no interior do recinto escolar.

1,30

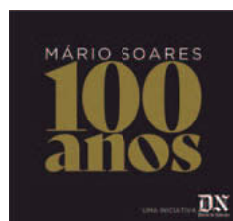
### HORAS

Tempo que vai demorar o debate de amanhã entre Kamala Harris e Donald Trump na ABC News. Os microfones serão silenciados enquanto o adversário tiver a palavra, não serão permitidas notas escritas e não haverá público presente.

20

### POR CENTO

Quebra estimada pelo presidente da Comissão Vitivinícola Regional do Dão na produção de vinho desta região, cujas vindimas já arrancaram, apesar das expectativas de que as uvas colhidas resultarão num vinho de grande qualidade.



**Direção interina:** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs  
**Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Teódeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Cândia e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita **Cordeiro** **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Cândia e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º - 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º - 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ªA - 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em [www.dn.pt](http://www.dn.pt). Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



A STAR ALLIANCE MEMBER 

# Fome de férias?

Não te deixes dormir

› Destinos desde  
€ **49** Ida e volta  
Taxas Incluídas

Reserva já  
condições em  
**flytap.com**  
ou no teu agente de viagens

**TAP** AIR PORTUGAL  
Abraça o Mundo



# QUEM ACONSELHA MONTENEGRO?

## Manuel, Pedro, Paulo, António, Hugo e alguns ilustres

**PSD** O núcleo duro, círculo protetor (quando corre bem) de que nenhum primeiro-ministro prescinde, tem como principal função influenciar a tomada de decisões do líder. Atender ao discurso, planear a programação política. Marcar e encabeçar a luta com a oposição. “De combate”, assim foi prometido este governo. São cinco os “generais” de Montenegro.

TEXTO ALEXANDRA TAVARES-TELES

“A responsabilidade pára aqui” (*The buck stops here*) – ou, em tradução menos literal, “o responsável sou eu” – lembrava a placa de madeira que Harry S. Truman, o presidente norte-americano que em 1945 ordenou o lançamento da bomba atômica sobre as cidades de Hiroxima e Nagasaki, fez questão de colocar em cima da secretária, na Sala Oval, aludindo ao papel decisivo, pessoal e intransmissível de um governante, não poucas vezes rejeitado pelos políticos.

“A placa poderia estar na secretária de Luís Montenegro”, dizem os mais próximos do primeiro-ministro, garantindo que não é amizade que os leva a afirmar que se trata de alguém avesso à expressão nacional “a culpa morre solteira”. “Solitário por natureza”, acrescentam, “tem um processo de decisão: decreta de forma determinada, sem medo, porém com muita ponderação”. “Teimoso”, com opiniões definidas e crença na intuição política que o partido lhe reconhece. Mais do que aceitar conselhos, deixa-se condicionar pelos factos em decisões que deseja conformes à realidade e que anuncia apenas e quando entende. “Racional, por vezes gelado”, com noção do tempo político, “procurando a serenidade”. “Por isso ouve. Ouve muito.” Os seus homens.

O núcleo duro, círculo protetor (quando corre bem) de que nenhum primeiro-ministro pres-



Pedro Duarte é “pragmático” e ajuda a “refletir de forma diferente”.



O ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, tem estatuto para “condicionar as políticas do governo. E exerce-o”.

cinde, tem como principal função influenciar a tomada de decisões do líder. Atender ao discurso, planear a programação política. Marcar e encabeçar a luta com a oposição. “De combate”, assim foi prometido este governo.

Hugo Soares, Paulo Rangel, António Leitão Amaro, Pedro Duarte e Manuel Castro Almeida constituem a primeira linha de “generais” de Montenegro. *Inner circle* puro e duro, que se pretende fundado na lealdade, impermeável à intriga, resistente ao deslumbreamento e à tentação de vaziar informações. *Primus inter pares*, não fosse um deles sobressair.

Hugo Soares. No partido cha-

mam-lhe “o ministro mais poderoso”. Sendo que não é – porque não quis ser – ministro.

### A peça-chave

Não é habitual na história do partido alguém com tanto poder. Com apenas 41 anos, Hugo Soares é secretário-geral do PSD e controla a máquina partidária. É líder do grupo parlamentar e tem nas mãos a bancada laranja. É amigo indefetível do primeiro-ministro e usufrui, como nenhuma outra figura, de intimidade política – ideologicamente são convergentes – e pessoal – passam férias juntos – com Montenegro.

“Relação de absoluta cumplicidade. Pode até dizer-se que o Hugo é mais confidente do que parceiro, ainda que tudo passe pelo seu gabinete”, diz um amigo de ambos. Desde logo, a triangulação São Bento/Parlamento/São Caetano à Lapa. Apesar da diferença geracional – Luís Montenegro tem mais 10 anos –, “estão sintonizados ideologicamente numa espécie de cavaquismo”. No essencial não há divergências.

Hugo Soares é, dos cinco homens-chave, “o mais político”. O mais disponível para o combate, o mais influente no dia a dia. Em que medida tempera Montenegro? “Com muito pouco”, garan-

tem. Talvez alguma impulsividade, forçando a decisão. “O Luís pode ser gelado, o Hugo tem estados de alma”, diz o mesmo amigo comum.

Num exercício de memória política não se encontra facilmente tão perfeita sintonia: nem com Cavaco Silva e Fernando Nogueira, com Guterres e Jorge Coelho, em Passos Coelho e Miguel Relvas. “Não se pense, porém, que o Hugo é um *yes man*. Nada disso. O que acontece é que são de facto muito parecidos. Não precisam falar para se fazerem entender. Quer política quer pessoalmente.” Porém, não há dia em que não falem.

Será esta uma relação à prova de







Hugo Soares (à esq.) é, dos cinco homens-chave do PSD, o mais político e tem uma relação de “grande cumplicidade” com o líder, Luís Montenegro.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

bala, agora que Montenegro é primeiro-ministro e o poder ‘corrompe’? “Quem diria que Cavaco Silva e Fernando Nogueira se zangariam? Uma zanga pode sempre acontecer, mas não é provável”, afiançam. E em que medida Hugo Soares condiciona o primeiro-ministro? “Atendendo às semelhanças ideológicas, sobretudo nas escolhas operacionais. Nos nomes, não tanto nas políticas”, responde a mesma fonte.

Com Paulo Rangel ou Pedro Duarte acontece o contrário.

#### Condicionalismo político

Perdeu o partido para Passos Coelho (2010) e para Rui Rio (2021),

mas ganhou estatuto e peso político tais que Luís Montenegro não os poderia desperdiçar. Abdicando de um muito provável e apetível lugar como comissário europeu, o professor Rangel (Montenegro e Pedro Duarte foram seus alunos) empresta *gravitas* ao governo e autoridade ao Conselho de Ministros. O homem que apanha com facilidade “tiques e trejeitos” de companheiros e adversários e gosta de declamar poesia é um dos ministros mais reconhecidos deste governo, de que é formalmente o número dois. O ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, pela autoridade, pela credibilidade e muito ainda

pela experiência europeia que falta a Montenegro, tem estatuto para condicionar o primeiro-ministro nas políticas governativas. E exerce-o. Mas é sobretudo o jurista Pedro Duarte, nascido no Porto há 51 anos, a quem Montenegro confiou a pasta dos Assuntos Parlamentares, quem mais condiciona as políticas. Porque “o Pedro ajuda a refletir de forma diferente. Desde logo, é mais liberal nos costumes”, diz fonte do partido. Mas não só. “De todos é o mais pragmático, até do ponto de vista da relação das políticas com os resultados eleitorais.” O antigo líder da JSD é um conhecimento antigo de Montenegro: ambos fizeram parte da bancada parlamentar de Miguel Macedo e da campanha de Luís Filipe Meneses à Câmara do Porto. Afastados no consulado de Passos Coelho – ao contrário de Montenegro, apoiante incondicional, o diretor da primeira campanha presidencial de Marcelo Rebelo de Sousa foi crítico do então primeiro-ministro –, reaproximaram-se na oposição a Rui Rio. A ponto de Duarte ter sido o coordenador do programa de candidatura de Luís Montenegro às eleições internas, perdidas para o antigo presidente da Câmara do Porto. Tornou-se então um homem de confiança do atual primeiro-ministro, com direito à presidência do Conselho Nacional Estratégico, órgão responsável pela preparação do programa eleitoral do PSD.

Manuel Castro Almeida, ministro Adjunto e da Coesão Territorial, e António Leitão Amaro, ministro da Presidência, completam o cordão protetor. A urgência na execução de fundos europeus, que não se compadecem com tempos de aprendizagem, ditou que a escolha recaísse sobre o antigo secretário de Estado do Desenvolvimento Regional do governo de Passos Coelho, conhecedor particular da matéria e destes dossiês, fundamentais para o sucesso governativo. António Leitão Amaro, descrito como “peça igualmente nevrálgica, sempre preparadíssimo e de enorme capacidade de trabalho” – por este vice-presidente do partido passaram algumas das propostas mais relevantes dos sociais-democratas –, é, dos cinco, aquele que acusa mais cansaço. “Cansaço que o leva a recorrer por vezes a um autoritarismo desnecessário, que se reflete na capacidade de relacionamento com outros ministros”. No parti-

do já há quem note e chame a atenção para “a falta de coordenação do governo, apesar da concentração de alguns ministérios no mesmo edifício”. Falha colmatada com o “voluntarismo de Hugo Soares, mas essa não pode ser a solução. Não é bom para o Hugo nem para o governo”.

#### O homem que coordena a comunicação

Não fazendo parte do núcleo político, é fundamental na coordenação da comunicação no governo e com a imprensa. Pedro Esteves, dizem, é um exemplo ilustrativo da capacidade de Montenegro se ater à realidade. Engenheiro civil nascido na Anadia, foi diretor da campanha interna de Paulo Rangel – com quem tem uma relação de muita proximidade –, depois de ter exercido o lugar de chefe de gabinete do grupo parlamentar do PSD em Bruxelas. “Nunca foi apoiante de Montenegro, mas não tínhamos alternativas”, diz quem viveu esses dias. “O Luís olhou para o perfil e, apesar de o conhecer mal, decidiu apostar. Não confiava, passou a confiar e correu muito bem.”

É discreto e leal. “Um tótem.” Conhece o partido muito bem. No governo faz a gestão rigorosa da informação. Reúne de 15 em 15 dias com o pleno dos assessores, a quem sempre lembra: “Só faz sentido comunicar quando há alguma coisa para comunicar.” A Montenegro pede que não confunda Twitter com as pessoas “reais”. “E que siga a intuição.”

Quem o conhece garante que ficou pouco preocupado com as críticas ao primeiro-ministro quando este se deixou fotografar a acompanhar de barco os trabalhos de resgate das vítimas da queda de um helicóptero. Algumas vindas do partido: “Pareceu de facto demasiada vontade de ajudar”, diz um militante. “Soa a aproveitamento político de uma tragédia, foi um erro crasso”, acrescenta outro social-democrata. Mas há uma versão diferente: “Foi genuíno. O primeiro-ministro foi convidado a acompanhar os trabalhos e dar apoio àqueles homens. Seguiu a intuição e fez muito bem.”

#### Os ilustres menos Passos

“O Luís não deve nada a ninguém. Fez o seu caminho com autonomia, mas é evidente que tem respeito pelos antigos presidentes do partido”, diz uma fonte próxima do primeiro-ministro.

Com alguns há contactos regulares. Troca impressões com Marques Mendes. E com Cavaco, se não fala tanto quanto se julga, há, dizem, “química”. O facto de serem vizinhos promove alguns encontros fortuitos, e ainda que Cavaco Silva se proteja, fugindo a considerações particulares sobre pessoas ou políticas, reconhece em Montenegro o que faltou a Rui Rio: “Sensibilidade e inteligência tácita para respeitar o antigo primeiro-ministro.”

As comparações são, no entanto, malvistas na Travessa do Posolo. “Cavaco Silva não aproveitou um governo minoritário para esperar. Governou, fez reformas. Formou um governo e fez combate político, durante um ano e meio marcou as iniciativas legislativas. A Lei de Bases da Saúde, da Educação; apresentou reformas administrativas. Algumas não passaram no Parlamento, mas marcaram a iniciativa, e foi isso que lhe deu uma maioria absoluta. Não há semelhança possível com este governo.” Os pacotes apresentados semanalmente e os Powerpoints “não são reformas”. São, acrescenta a mesma fonte, “pensos rápidos”.

Com Passos Coelho a relação é inexistente. “Já estava tensa antes de Montenegro ganhar as eleições. Agora não existe”, diz alguém próximo do ex-primeiro-ministro. Passos Coelho acredita que se tornou incómodo: “Porque tirava votos e apoios.” O que Montenegro não contava era com uma provocação do antigo primeiro-ministro, que num artigo de opinião o desafiou a reverter a lei da eutanásia caso fosse eleito. “O Luís sentiu-se provocado. É sabido que no PSD estas matérias são deixadas à consciência de cada um. A relação arrefeceu aí.”

Com Durão Barroso a relação é próxima. De resto, assina por baixo um dos conselhos do antigo presidente da Comissão Europeia: “Quanto mais altas são as expectativas, mais difícil se torna a ação política.” Com Montenegro foi assim. Criou baixas expectativas. “Por isso foi tão visível o crescendo de autoridade, ilustrado pela determinação com que enfrentou os polícias, avisando de que não haveria nem mais um centímetro”, diz fonte do partido, preocupada agora com “dois testes muito importantes que aí vêm”: Orçamento e escolha do procurador-geral da República. “Se corre mal, é um desastre.”





Conselheiros vão voltar a reunir-se após a entrega do Orçamento.

RUI OCHOA / PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

# Marcelo junta Montenegro a Pedro Nuno e Ventura na véspera do Orçamento

**BELÉM** Presidente da República faz Conselho de Estado para “analisar a situação económica e financeira” nove dias antes do prazo de entrega do Orçamento do Estado. Mas nega intenção de condicionar partidos.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

**A** nova configuração do Conselho de Estado, decorrente de o PS e de o Chega terem colocado os respetivos líderes, Pedro Nuno Santos e André Ventura, entre os cinco membros da lista única de representantes eleita pela Assembleia da República, foi aproveitada por Marcelo Rebelo de Sousa para juntar os três protagonistas de quem depende a viabilização do Orçamento do Estado para 2025 a nove dias de o governo de Luís Montenegro entregar esse documento no Parlamento.

A decisão de convocar o Conselho de Estado para 1 de outubro, anunciada ontem de manhã,

com o objetivo de “analisar a situação económica e financeira internacional e nacional”, está a ser encarada como uma forma de o Presidente da República condicionar os partidos da oposição para conseguir a aprovação da proposta de Orçamento do Estado, após ter considerado que “não se põe como viável” qualquer outro cenário. No entanto, Marcelo Rebelo de Sousa negou ontem tal intenção, descrevendo uma reunião do seu órgão consultivo como uma discussão “geral e abstrata”, numa altura em que estão disponíveis mais dados nacionais e internacionais, para que os conselheiros de Estado possam partilhar as suas “perspe-

tivas presentes e futuras da economia mundial e portuguesa, e o que isso significa para todos nós”.

O Presidente da República reforçou essa ideia, reiterando a intenção de convocar outra reunião do Conselho de Estado, em data ainda a definir, quando a proposta do Orçamento do Estado para 2025 tiver sido apresentada pelo governo. E acrescentou que no encontro, que decorrerá no Palácio de Belém a 1 de outubro, “a ideia é falar-se à vontade, olhando para a evolução no mundo, na Europa e em Portugal, sem haver ainda a pressão que tem a ver com o desfecho de uma votação que, em princípio, será no final de novembro”.

Marcelo Rebelo de Sousa defendeu ainda as vantagens de convocar uma primeira reunião antes de o governo entregar a proposta de Orçamento do Estado, que, à partida, só conta com os votos favoráveis dos 78 deputados sociais-democratas e dois centristas. “Encavalitar uma na outra é que seria negativo”, disse o Presidente da República, para quem tem de haver uma reflexão.

No entanto, a convocatória do Conselho de Estado, que não foi comentada pelos presidentes do PS e do Chega – numa altura em que Pedro Nuno Santos demonstra mais abertura para negociar com o governo do que André Ventura –, veio na sequência de declarações de Marcelo Rebelo de Sousa a realçar as vantagens de uma “estabilidade económica e financeira”, que, em sua opinião, passa pela aprovação do Orçamento do Estado.

“É completamente diferente ter um Orçamento do Estado ou governar com duodécimos. Duodécimos significa pegar no Orçamento deste ano e aplicá-lo, dividindo por 12, no ano que vem”, dissera o chefe de Estado no sábado passado, rotulando de “importantíssimo” que esse documento seja aprovado. “Na hora da verdade vai haver o bom senso de se perceber que tem de se arranjar soluções”, vincou.

## POSICÕES

### CDS-PP PEDE SERIEDADE

Um dos vice-presidentes do CDS-PP, Álvaro Castello-Branco, disse ontem que o governo terá sempre lugar à mesa das negociações do Orçamento do Estado de 2025 para quem quiser dialogar “com seriedade”.

Já o presidente da Juventude Popular, Francisco Camacho, disse que, “se Portugal tiver de governar em duodécimos, a responsabilidade recai sobre o PS e Pedro Nuno Santos”.

### CHEGA “DESVINCULADO”

O Chega “desvinculou-se das negociações” orçamentais com o governo, mas o seu líder parlamentar, Pedro Pinto, sublinhou que o partido mais à direita na Assembleia da República vai apresentar propostas de alteração que irão ser alvo de debate nas Jornadas Parlamentares, que decorrem, hoje e amanhã, em Castelo Branco.

### ASSIS DESEJA DIÁLOGO

O eurodeputado socialista Francisco Assis defendeu que “era desejável que houvesse uma disponibilidade para algum diálogo” entre o PS e o governo para a aprovação do Orçamento do Estado. Apesar dessa posição, admitiu que, “se não se chegar a acordo, também não é tragédia nenhuma”.

### PS ACUSA FALTA DE “BOA-FÉ”

O deputado socialista António Mendonça Mendes acusou o governo de falta de “boa-fé negocial” sobre o Orçamento do Estado, por não facultar informação. Na sexta-feira, o ex-secretário de Estado dos Assuntos Fiscais disse que o PS “continua sem informação imprescindível para poder apresentar as suas propostas de forma responsável e sem desequilibrar o Orçamento”.

### IL AFASTA “PÉSSIMO” OE

Também nesta sexta-feira o presidente da Iniciativa Liberal, Rui Rocha, disse que prefere eleições legislativas antecipadas a “um péssimo” Orçamento do Estado para 2025 e avisou o governo de que as aproximações ao PS dificultam o voto favorável dos liberais.



# Luta por salários e Palestina marcam encerramento da Festa do Avante!

**PCP** Discurso de Paulo Raimundo apelou à intensificação da luta contra o Governo, acusando socialistas de estarem “em cima do muro” e de se prepararem para viabilizar o Orçamento. Houve uma denúncia do “massacre em curso” dos palestinianos, mas a Ucrânia ficou longe da Atalaia.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, desafiou os militantes comunistas a empenharem-se numa “campanha nacional para colocar os salários no centro do debate político”. No discurso que ontem encerrou a Festa do Avante!, após referências internacionais, em que falou muito da Palestina e nada da Ucrânia, o líder partidário apelou à mobilização pela “grande emergência nacional do aumento geral e significativo dos salários”, com vista a uma vida melhor, prometendo que “a luta vai mesmo intensificar-se” quando saudou o papel da CGTP-IN na “resistência, luta e conquista de direitos dos trabalhadores”.

Os problemas que o PCP enfrenta, reduzido a quatro deputados e 18 presidências de câmara – em Setúbal, André Martins é militante do PEV –, não foram completamente esquecidos, pois no final do discurso Raimundo, referindo-se ao 22.º Congresso, que se realizará entre 13 e 15 de dezembro, elencou a necessidade de ter um partido “mais estruturado e organizado”, bem como “mais forte no plano ideológico, para melhor enfrentar o quadro internacional e nacional”. Mas a nota dominante foi de otimismo: “Por muito que custe a alguns, o PCP, com a sua identidade, este partido patriótico e internacionalista, ligado aos trabalhadores e ao povo, não se deixa levar pela espuma dos dias, e é capaz de resistir e de avançar.”

No que toca ao Orçamento do Estado, que acusou o PS de “se preparar para viabilizar”, o secretário-geral comunista disse que “não se pode ficar em cima do muro” entre as “forças de Abril e da Constituição” e as “forças da direita”, juntando à Aliança Democrática os “sucedâneos” Chega e Iniciativa Liberal, descritos como “lebres de corrida da velha receita reacionária a que Abril



Paulo Raimundo prometeu um PCP “mais estruturado e organizado” e “mais forte no plano ideológico”.

pós termo”. Quanto aos efeitos do possível chumbo do documento, Raimundo defendeu que “a verdadeira instabilidade é a da vida das pessoas”, seja pelas urgências de obstetria encerradas como pela falta de professores na abertura do ano letivo, que prometeu levar a debate no Parlamento. Tal como defenderá mais 100 mil vagas gratuitas nas creches, “para responder às necessidades dos pais e das crianças”.

## “Cúmplices do massacre”

Os ataques ao Governo começaram no arranque do discurso, criticando-o por não reconhecer o Estado da Palestina. Falando para uma plateia em que eram visíveis bandeiras palestinianas, Paulo Raimundo recordou a edição de 2003 da Festa do Avante!, quando a voz do então presidente da Organização para a Libertação da Palestina, Yasser Arafat, cercado em Ramallah, foi ouvida no re-

No que toca ao Orçamento do Estado, que acusou o PS de “se preparar para viabilizar”, o secretário-geral comunista disse que “não se pode ficar em cima do muro” entre as “forças de Abril e da Constituição” e as “forças da direita”.

cinto numa chamada telefónica. Repetindo que o PCP “não cala o genocídio do povo palestiniano”, acusou os países da União Europeia de serem “hipócritas, cúmplices e promotores do massacre em curso”.

Também houve “abraços solidários” para a Cuba, a Venezuela e o povo sarauí, “exemplos de resistência heroica”, mas da Ucrânia nada se ouviu falar na Quinta da Atalaia, no Seixal, além da habitual palavra de ordem “guerra não, paz sim”, tão entoada pelos milhares de presentes quanto a anterior “Palestina vencerá”.

“Damos combate aos que fazem da morte e da destruição as garantias de lucro da indústria de armamento”, disse Raimundo, para quem a “União Europeia está cada vez mais às ordens dos Estados Unidos” e a “superação revolucionária” do capitalismo “é o grande objetivo do povo e dos trabalhadores”.

## Referendo à imigração é “inútil”, diz governante

O secretário de Estado da Administração Interna, Telmo Correia, defendeu que um referendo à imigração, ideia lançada pelo Chega, é algo inútil e defendeu que a entrada de estrangeiros é necessária, mas deve ser regulada.

“Podemos ter a abordagem das associações que querem legalizar toda a gente em que circunstância for, e que estão ligadas a movimentos de ativistas e, alguns deles, a forças políticas, ou fazer disto um tremendismo, tentar assustar toda a gente, propor coisas inúteis como referendos”, afirmou o vice-presidente do CDS-PP, ao participar na Escola de Quadros da Juventude Popular, que decorreu até ontem em Santa Maria da Feira.

“O que o Governo está a fazer, e bem, é não alinhar em nenhum desses caminhos, é tentar fazer uma política sensata e correta”, assinalou, dizendo que a “imigração é necessária, mas é preciso imigração regulada, é isso que está no programa do Governo e é isso que se pretende fazer”.

Telmo Correia disse que o fim da manifestação de interesse “é o elemento mais importante e mais visível dessa regulação, mas não chega”, referindo outras medidas que o Governo tem em marcha, como a nova Unidade de Estrangeiros e Fronteiras.

Na sua intervenção, o governante salientou que Portugal tem sido “consistentemente considerado como um dos dez países mais seguros do mundo”, mas admitiu que há em certos locais do país um “sentimento de insegurança subjetiva” devido à entrada de estrangeiros, pois têm “culturas e hábitos diferentes”.

DN/LUSA



Opinião  
**Valentina  
Marcelino**

## Sistema de Segurança Interna – amadorismo e desastre

**M**ais do que uma vez já expusemos aqui no DN a bizarra situação, para não dizer irresponsável, de o primeiro-ministro estar a atrasar a nomeação de um secretário-geral para o Sistema de Segurança Interna (SSI), a “cabeça” da mais importante estrutura de coordenação das forças de segurança. O anterior responsável, o embaixador Paulo Vizeu Pinheiro, foi obrigada a adiar o final do seu mandato, que devia ter sido a 15 de julho, para 22 de agosto. Provisoriamente foi “promovido” o seu chefe de gabinete, Manuel Vieira, a secretário-geral-adjunto e a assumir os encargos até Luís Montenegro decidir dar relevância ao SSI. Podia ninguém dar por isso, mas aconteceu um designado “incidente tático policial” de elevada gravidade – a fuga de cinco reclusos muito perigosos de Vale de Judeus –, que exigiu uma articulação eficiente entre várias forças de segurança – a Guarda Prisional, a PJ, a GNR e a PSP. Exigiu ainda que o SSI protagonizasse e fosse palco de uma conferência de imprensa – mais de 24 horas depois da evasão –, para prestar todos os esclarecimentos à população, através da comunicação social. Se no primeiro aspeto, tendo em conta a experiência e capacidade da PJ que está a coordenar a investigação, com todo o apoio das outras polícias, nada há a apontar, o mesmo não se passou em relação ao segundo. Foi penosa e muito amadora aquela conferência de imprensa. Um desastre mesmo.

Até o microfone teve de andar a passar de mão em mão dos dirigentes policiais na mesa. Manuel Vieira, compreensivelmente inexperien-

te, não conseguia disfarçar o incómodo. Começou por fazer uma apresentação das competências do SSI que ninguém estava interessado. Toda a sua linguagem corporal mostrou insegurança, o que são sinais dramáticos para uma população que está inquieta e impaciente por informações. O diretor-geral dos Serviços Prisionais, um reputado psicólogo forense, não foi mais firme, principalmente quando reconheceu que “algo falhou”, o que era uma evidência, sem apresentar soluções imediatas e responsáveis.

Ao contrário da tutela da Justiça, que destacou dois dirigentes máximos, a PSP e a GNR entenderam que o assunto não merecia a presença do diretor nacional, Luís Carrilho, nem do comandante-geral, Rui Ribeiro Veloso, que foram representados por oficiais de segunda linha – o comandante de Lisboa da Guarda e um diretor de departamento de investigação criminal da PSP. É certo que o ocorrido é da tutela da Justiça, mas se este não é um caso suficientemente grave para mostrar que todos estes dirigentes estão juntos para perseguir e capturar os fugitivos, qual será? Valeu o diretor nacional da PJ, Luís Neves, a prestar os esclarecimentos úteis de forma clara e competente. Não deixa de ser curioso que seja o único dos chefes máximos das polícias que está em gestão, pois terminou a sua comissão de serviço a 19 de junho. Deixar arstar a indefinição na cúpula de estruturas tão relevantes não contribui para alicerçar uma cultura de segurança.

Jornalista.

# Fuga de presos. Suspeita de demora excessiva do alerta à GNR e à PJ sob investigação

**FALHA** Autoridades policiais só terão sido informadas da fuga dos cinco reclusos pelo menos mais de uma hora após os guardas da cadeia de Vale de Judeus a terem constatado. A Direção-Geral dos Serviços Prisionais confirmou ao DN que este é um dos aspetos em investigação no inquérito que instaurou.

TEXTO VALENTINA MARCELINO E RUI MIGUEL GODINHO

**A** cadeia de Vale de Judeus pode ter demorado entre uma e duas horas a comunicar à Guarda Nacional Republicana (GNR) e à Polícia Judiciária (PJ) a evasão de cinco perigosos reclusos, garantiram ao DN várias fontes que estão a acompanhar o sucedido. Este lapso de tempo é crítico numa fuga e pode ter comprometido a captura dos fugitivos. O facto de nenhuma das autoridades envolvidas revelar oficialmente, apesar da insistência do DN, a hora exata deste procedimento pode indiciar que, também neste aspeto, “algo falhou”, utilizando a expressão de Rui Abrunhosa Gonçalves, diretor-geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

Foi o próprio Abrunhosa Gonçalves, doutorado em Psicologia da Justiça e um dos maiores peritos nacionais em psicologia forense, que acabou por confirmar que esta alegada “falha” está também sob investigação no inquérito que mandou instaurar. “A Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) está a conduzir investigação interna para apurar o

que se passou na cadeia de transmissão da informação e este dado é muito importante que seja aclarado em sede de inquérito interno”, sublinhou ao DN, sem, no entanto, confirmar se houve demora excessiva.

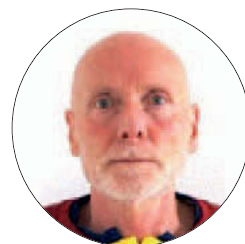
Em caso de evasão, os diretores dos estabelecimentos prisionais estão obrigados a comunicar de imediato ao órgão de polícia criminal mais próximo da área, ao Tribunal de Execução de Penas e ao diretor-geral das Prisões. No caso, a GNR era a força de segurança mais próxima. Questionada sobre



**FERNANDO FERREIRA**

Pena: 6+24 anos

Cumprir duas penas, uma de seis anos e outra de 24. Em causa estão crimes como tráfico de droga e assaltos à mão armada.



**RODOLFO LOHRMANN**

Pena: 18 anos

O argentino chegou a ser o homem mais procurado na Argentina. É acusado de associação criminosa, furto e falsificação.



**JOÃO CLARA DA FONSECA**  
Coronel do Comando Territorial da GNR de Lisboa

*“O dispositivo foi acionado e está em alerta. A palavra-chave nesta altura é cooperação e colaboração.”*





**LUÍS NEVES**  
Diretor nacional da PJ

*“Todos os pormenores foram preparados ao mínimo detalhe. É gente que tudo fará para continuar em liberdade.”*

**MANUEL VIEIRA**  
Secretário-geral adjunto do SSI

*“Está a ser feito tudo o que pode ser feito [para capturar os cinco reclusos evadidos].”*

**RUI ABRUNHOSA GONÇALVES**  
Diretor-geral de Reinserção e Serviços Prisionais

*“A fuga aconteceu pelas 9h56 e só foi detetada 40 minutos depois.”*

**RODRIGUES DOS SANTOS**  
Superintendente da PSP

*“A GNR e a PSP estão juntas com um dispositivo para tentar capturar estes indivíduos, que são perigosos.”*

FILIPE AMORIM/LUSA

prestar essa informação. Na conferência de imprensa, pelas 11h00 de ontem, Luís Neves indicou que a sua polícia estava no terreno há mais de 20 horas. Feitas as contas, esta investigação pode só ter começado por volta das 15 horas de sábado – cinco horas depois da fuga.

**“O Estado fica denegrido”**  
Ouvindo pelo DN, Hugo Costeira, especialista em questões de segurança, considera “claro” que o “hiato” entre a fuga e o alerta “foi superior a 40 minutos”. E, por isso,

diz Jorge Bacelar Gouveia, presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo (OSCOT), “não serviria de muito estabelecer controlos fronteiriços em terra. Com pessoas desse calibre, isso seria completamente inútil”. Ambos os especialistas ouvidos pelo DN creem que, depois deste caso, a imagem do Estado sai prejudicada. Nas palavras de Hugo Costeira: “Os parceiros internacionais ficam a saber o que aconteceu. Há uma mancha na credibilidade internacional. Estas são

pessoas perigosas, que conseguiram sair de uma prisão de alta segurança.” Jorge Bacelar Gouveia acrescenta que “os países ficam a saber que prisioneiros perigosos conseguem escapar. Apesar de estas situações acontecerem noutros lados, isto terá custos reputacionais para Portugal”. Ontem, o Presidente da República pediu que se dê tempo à investigação. “É preferível apurar serena e cabalmente o que se passou e depois informar”, disse, pedindo ainda que não se crie alarme sobre o caso.



**MARK ROSCALEER**  
Pena: 9 anos  
Inglês, com 39 anos, já tinha fugido da prisão no seu país de origem. Está acusado por roubo e sequestro.



**SHERGILI FARJANI**  
Pena: 5 anos  
Aos 40 anos, o georgiano está a cumprir pena de cinco anos de prisão pelo crime de ofensa à integridade física.



**FÁBIO LOUREIRO**  
Pena: 45 anos  
É quem tem a pena mais pesada. Está condenado por vários crimes, incluindo sequestro e associação criminosa.



**Opinião**  
**Paulo Santos**

## Prisioneiros do “sistema”

**R**ecentemente fomos confrontados com uma fuga de cinco reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, cinco indivíduos perigosos e nas circunstâncias que foi possível perceber.

Penso que seja do conhecimento geral que as prisões estão desfalcadas de profissionais da Guarda Prisional, e sobre este episódio esperemos que as autoridades possam interceder tais indivíduos, para que as populações não vivam num clima de inquietação e medo face ao sentimento de insegurança criado.

Esta incapacidade de cumprir a missão nas prisões, também nas esquadras da PSP o retrato de incapacidade operacional é algo real, isto naturalmente numa dimensão e enquadramento diferentes, mas com um denominador comum, a dificuldade em trabalhar numa área sensível e basilar da sociedade num país que se espera seguro, democrático e socialmente harmonioso.

Esquadras há que, num turno, para um universo de 50 mil pessoas, existe um carro-patrolha, tornando a PSP com um grau de capacidade incomportável e ainda colocando em causa a segurança dos profissionais.

Face a esta denúncia, sei bem que uns quantos irão criticar pela exposição de debilidades e outros dirão que tal quadro aqui colocado não é real, porque existem outras capacitações e apoios que se encontram disponíveis para situações de necessidade.

A esse propósito apenas me apraz elucidar que, por um lado, o que deveria ser preocupante é a perpetuação e o agudizar dos problemas, das limitações e dos constrangimentos, e não a sua denúncia. No mesmo sentido, o que deveria ser preocupante em muitos casos é a ausência total de apoio, reforço de polícias para acorrer a pedidos de auxílio a outros polícias em contexto e ocorrências mais sensíveis e agressivas, e isto, sim, é preocupante, perigoso e real.

Tal como na Guarda Prisional, também na PSP tem sido constante a denúncia, pedido, apelo, a exigência de investimento e respostas para uma instituição [PSP] que sobrevive na ausência de profissionais para todas as missões, onde se constata uma privatização encapotada da segurança pública e ainda um défice de recursos e meios.

Estas debilidades associadas a aumento de missões, de valências, de serviço e de práticas criminais mais complexas.

Os passos dados nos últimos anos foram inexplicavelmente populistas e irresponsáveis, os passos que possam estar a ser dados no presente ainda não são percecionados, se é que existem, mas o diagnóstico está há muito feito e é necessário alterar a situação incabível em que se encontra a Polícia de Segurança Pública.

**“Os passos dados nos últimos anos foram inexplicavelmente populistas e irresponsáveis.”**

Presidente da ASPP/PSP.





**Opinião**  
**Isabelle**  
**de Oliveira**

## Lusofonia ganha valor económico

O Instituto do Mundo Lusófono (IMLus) nasceu, em 2015, para aumentar o uso e a influência da língua portuguesa através de quatro pilares: Cultura, Educação, Diáspora e Economia.

Desde então, temos promovido diversas iniciativas para consolidar o valor internacional da língua portuguesa, desde levar professores a África para darem formações como a “Aprendizagem e Ensino de Português Língua Não Materna e Língua de Herança” até trazer o centenário filósofo Edgar Morin a Lisboa para refletir sobre “O Atlântico – A Nova Carta do Humanismo” e celebrar o aniversário da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O poeta Friedrich von Schiller escreveu que “a língua é o espelho de uma nação.” Mas no IMLus não vivemos só isso como cultivamos a capacidade de sonhar, de acreditar que podemos sempre fazer mais e melhor! Apesar de todas as conquistas culturais e educacionais a favor da diáspora conseguidas nestes nove anos, seguimos empenhados em mostrar que se podem criar projetos sólidos a partir da sociedade civil que mereçam o apoio do exigente e disputado mundo económico e empresarial, pois sem ele nenhum projeto social ou cultural terá sustentabilidade para promover a mudança, o progresso e a igualdade.

É este o contexto e o desígnio pelo qual o IMLus inaugura já no próximo dia 13, em Paris, a primeira rede de negócios lusófona em França. O Círculo Lusófono (CLE) vai reforçar o papel do IMLus na promoção do intercâmbio entre a França/francofonia e os nove países da CPLP, proporcionando em permanência oportuni-

dades para os agentes empresariais trabalharem em conjunto para expandir o seu potencial de desenvolvimento económico em Portugal e França.

O CLE será, a partir de agora, uma forte ferramenta de cooperação económica entre França e Portugal, através da qual é muito provável que em breve possamos vir a assistir à expansão de diversas empresas para novos mercados e à consequente criação de riqueza e investimento em Portugal, em França e um pouco por toda a lusofonia.

Na inauguração marcada para o Palácio do Luxemburgo, em Paris, e para posicionar o CLE no panorama internacional, temos a honra de contar com José Manuel Durão Barroso, ex-presidente da Comissão Europeia e profundo conhecedor da lusofonia e da diplomacia económica, e com o senador francês Louis-Jean de Nicolay, bisneto da princesa Isabel do Brasil, que assinou a Lei Áurea que extinguiu a escravidão naquele país irmão.

Mas qualquer oportunidade, por melhor que seja, só traz resultado quando aproveitada por quem dela pode beneficiar. É por isso vital que as empresas portuguesas com interesses nos espaços lusófono e francófono aproveitem esta oportunidade e lhe deem vida própria, reforçando laços de cooperação económica, estabelecendo sinergias para promover negócios e facilitando a instalação de empresas francesas nos países de língua portuguesa. O CLE nasce para ajudar todas a crescerem, a terem mais sucesso e a serem mais rentáveis.

*Professora titular HDR na Sorbonne Nouvelle/diretora de Investigação e fundadora do Institut du Monde Lusophone (IMLus).*



**Opinião**  
**Paulo Guinote**

## Números a concurso

Aproxima-se mais um período de sobreaquecimento na manipulação estatística na área da educação. A carência de professores e o número de alunos sem aulas a uma ou mais disciplinas vão ser um campo de batalha no qual, como em todas as guerras, os factos se tornam secundários perante as exigências da propaganda. A verdade, com todas as limitações que é moda colocar-lhe, é uma das primeiras vítimas num combate sem vencedores.

De um lado, depois de promessas de fazer tudo para ultrapassar um problema que o ano letivo passado apresentou traços muito sombrios, já se ensaiou uma tática de hiperbolizar as dificuldades para o menor dos conseguintes surgir como enorme conquista no meio de tanta adversidade.

Do outro lado, alguma ansiedade por aumentar o dramatismo da situação para potenciar a insatisfação, nem sempre com o intuito de resolver seja o que for ou de fazer propostas exequíveis para minorar um fenómeno sem solução razoável no curto prazo.

Pelo meio, o demagógico e populista recurso ao “interesse dos alunos” para justificar eventuais decisões e medidas mais do que discutíveis, apresentando-se como temporário o que se deseja ser definitivo. Refiro-me ao modelo de colocação de professores que algumas pessoas que optam por truncar causalidades gostam de apresentar como responsável pela carência assimétrica de docentes no país.

O projeto é o de fragmentar o concurso nacional num

mosaico “territorializado”, a fazer lembrar os miniconcursos de outrora, ou de avançar mais pela contratação e vinculação direta de professores pelas escolas, ou municípios, ou comunidades intermunicipais. A pretensa “racionalidade” da solução, com muito pensamento mágico e pouco de “bala prateada”, postula que é mais fácil resolver estes problemas num modelo de “proximidade”.

O que é falacioso, pelo simples facto, incontornável, de que se existem mais professores em zonas do país que não correspondem àquelas onde existe procura, a solução não passa pelo modelo de concurso, mas pelo apoio à deslocação dos docentes. O que é possível sem qualquer necessidade de mudar o concurso, atomi-

zando-o de forma a torná-lo menos transparente e mais permeável a metodologias muito discutíveis de recrutamento e seleção. Isto não é qualquer teoria da conspiração delirante, mas apenas a constatação factual do que se passou, por exemplo, em tempos da BCE (Bolsa de Contratação de Escola) e sobreviveu em alguns meandros da chamada oferta/contratação de escola.

A “autonomia” das escolas ou a bondade da “proximidade” de soluções locais estão por demonstrar, nada impedindo que os municípios onde existe maior carência de docentes criem medidas de apoio à sua deslocação e fixação. A réplica de que para isso querem ter uma palavra em quem é contratado ou vinculado tem a sua lógica, mas não é difícil encontrar exemplos de nepotismo e distorção na criação e aplicação de critérios de seleção em concursos locais.

Quem acusa o concurso nacional de colocação de professores de ser “estalinista” é porque desconhece como eram recrutados local e regionalmente os professores na URSS.

Quem o acusa de “arcaico” faz por ocultar o fracasso recente de grande parte das soluções “descentralizadoras” das últimas décadas.

Apesar das numerosas distorções que lhe foram introduzidas, este concurso é um raro caso de sobrevivência de um mecanismo de recrutamento para a Administração Pública com critérios transparentes.

Mas querem acabar com ele.

*Professor do ensino básico.*

“

**A “autonomia” das escolas ou a bondade da “proximidade” de soluções locais estão por demonstrar, nada impedindo que os municípios onde existe maior carência de docentes criem medidas de apoio à sua deslocação e fixação.”**





Alfredo Vitorino no Baleal, num cenário natural junto ao mar, de que diz gostar muito.

## “Alguns cazaques sabem mais dos Descobrimentos do que eu”

**EMIGRAÇÃO** Há uma década que Alfredo Vitorino decidiu apostar no Cazaquistão. Hoje tem uma empresa de tecnologia de segurança e defesa chamada Kazytec e continua a acreditar no maior país da Ásia Central como terra das oportunidades, e até desafia as empresas portuguesas a arriscar. “O povo cazaque é muito afável”, sublinha o empresário, cujas raízes estão em Peniche.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

**A** conversa com Alfredo Vitorino, um empresário que apostou forte no Cazaquistão, começou há um ano em Astana, quando fomos apresentados durante um jantar organizado pela então embaixadora Maria de Fátima Mendes, e conclui-se agora num almoço no Baleal, terra vizinha dessa Peniche que é a terra deste português que se apaixonou pelo maior país da Ásia Central.

“O Cazaquistão é um país com muitas oportunidades, porque é independente há pouco mais de 30 anos, tem uma potencialidade enorme, com muitas riquezas naturais, e está à procura de parcerias para alavancar a sua economia além do petróleo e do gás natural. As empresas portuguesas deviam olhar para lá, não se assustar com a distância e não se as-

sustar com a língua, porque muita gente fala inglês já”, diz Alfredo, que nesta década de experiência no Cazaquistão já aprendeu um pouco de russo, a língua franca dessa antiga república soviética, que é o nono maior país do mundo, umas 30 vezes o tamanho de Portugal. Para apoiar as empresas portuguesas foi até criado um Conselho Económico Informal – Cazaquistão, do qual faz parte.

Casado com uma professora, com duas filhas e um filho, Alfredo teve de procurar novas oportunidades de negócio quando a crise do início da década de 2010 deixou em dificuldades a empresa de construção de que era um dos sócios. A internacionalização foi a solução, e chegou a pensar na opção Marrocos, aqui perto, até que alguém lhe falou do Cazaquistão, longe e sobretudo misterioso

como são os “tões”, mas que ia organizar em 2017 uma exposição internacional e isso significava oportunidades. Também a modernidade de Astana, cheia de edifícios de arquitetos famosos, como Norman Foster, era um chamariz.

“Instalámos uma empresa local com parceiros cazaques, ganhámos umas obras e fizemos uns trabalhos. Entretanto, fruto das oportunidades que apareceram e do conhecimento que fomos adquirindo, juntamente com novos sócios portugueses, criámos uma empresa na área da tecnologia de defesa e segurança, que é aquela em que temos estado a trabalhar”, relembra Alfredo, hoje com 54 anos, que se formou como agente técnico de engenharia.

Com cerca de 20 milhões de habitantes, o Cazaquistão é um país de maioria muçulmana, mas um

islão muito aberto, como é tradição nos povos túrquicos, originalmente nómadas que percorriam com os seus animais as estepes da Ásia Central. Também há uma numerosa comunidade cristã, de origem russa e ucraniana, o que obriga o país a estar muito atento à atual guerra russo-ucraniana.

Alfredo instalou-se sozinho no Cazaquistão. A família ficou em Peniche, até porque os três filhos estavam a estudar na época em que criou a primeira empresa no país. A vida do empresário passou a ser longas estadas no Cazaquistão, onde o inverno é gélido, com visitas a Peniche, com belas praias para aproveitar bem o verão. O outro membro da família que viveu quase um ano no Cazaquistão foi o filho Paulo, que conheci no tal jantar que deu origem à primeira parte desta conversa. Vi-o a pedir

em russo o prato e o pai conta-me que agora trabalha na Bélgica, depois de se ter formado em História e ter estagiado na UE.

Alfredo explica-me que a sua empresa, a Kazytec, tem como clientes vários serviços do Estado e fornece tecnologias como geolocalização ou intercessão de comunicações. “Tivemos de competir com os fornecedores russos, que até há pouco tempo tinham mais de 90% do mercado cazaque. O Ministério da Defesa e o Ministério do Interior sentem-se na necessidade de saírem da esfera de influência da Rússia e procuram soluções europeias, ou americanas, mas no nosso caso europeias e até israelitas, e é isso que lhes oferecemos. Utilizamos os nossos técnicos portugueses para fazer integrações e para fazer um *taylor made* das soluções às necessidades deles.”

Nem tudo foi fácil, porém, para o sucesso empresarial deste penicense. Conta que ainda no tempo da empresa de construção que tinha criado em Petropavl (cidade a norte de Astana, fundada por cossacos russos) ganharam um concurso para 200 quilómetros de ligação de água e estações de tratamento e de repente alguém detetou que havia no caminho uns aterros com vacas abatidas umas décadas antes por doença. Tudo parecia perdido, “mas de um dia para o outro resolveu-se o problema e deixou de haver vacas doentes”, diz Alfredo entre risos.

Mais a sério, Alfredo conta que “há algumas amarguras. E eu, ao longo destes 10 anos, já aprendi e já vivi muita coisa lá e percebi muitas coisas ainda da herança da União Soviética. Estamos a falar de alguma corrupção no aparelho do Estado para se conseguir contratos, que existe e que nós temos que saber contornar ou saber trabalhar com eles”. O empresário reconhece, porém, que desde a chegada à presidência de Kassim-Jomart Tokayev, que substituiu Nursultan Nazarbayev, o pai da independência, “tem havido progressos”.

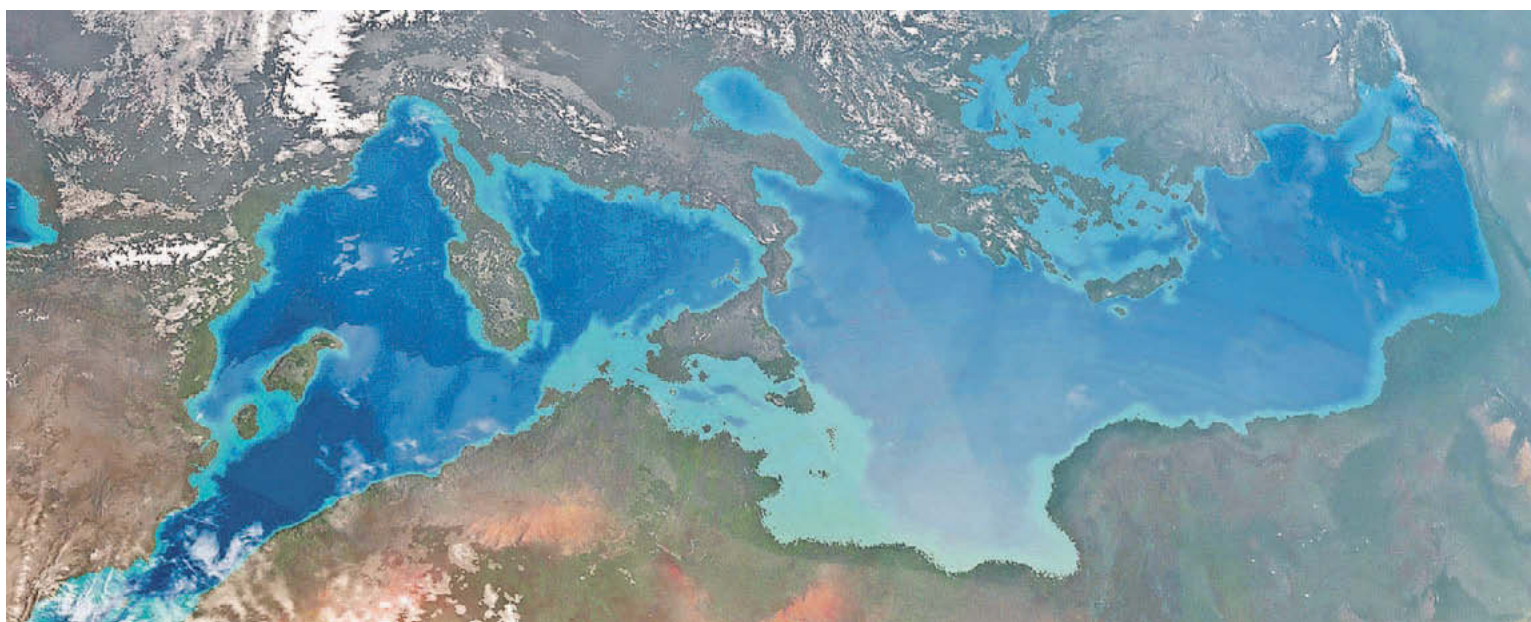
Sobre o conhecimento que os cazaques têm de Portugal, o dono da Kazytec vinca que o nome de Cristiano Ronaldo é sempre referido quando sabem que é português. “É matemático”, sublinha. E também se confessa impressionado pelo conhecimento que as gerações mais velhas têm da história de Portugal, que fazia parte do currículo escolar na era comunista: “Alguns cazaques sabem mais dos Descobrimentos do que eu.”



# Atlantropa, o sonho do alemão que projetou secar o Mediterrâneo

**CIÊNCIA VINTAGE** A década de 20 viu nascer um megaprojeto de engenharia a servir de base à criação de um espaço pan-europeu. Atlantropa sintetizava o sonho do arquiteto Herman Sörgel. Também elevou vozes críticas face ao expansionismo europeu e ao neocolonialismo.

TEXTO JORGE ANDRADE



Uma imagem do que seria a Atlantropa imaginada por Herman Sörgel. O projeto incluía uma barragem no estreito de Gibraltar (em baixo).

**N**a mala seguiam livros, umas quantas mudas de roupa e os documentos necessários à viagem entre dois continentes. Em janeiro de 1935, o escritor alemão Willy Ley deixava o seu país natal rumo aos Estados Unidos. O autor, nascido em 1906, partia da Alemanha horrorizado com a ideologia e política nacional-socialista. Escritor prolífico, Ley, sob o pseudônimo de Robert Wiley, escreveria em 1940 o conto de ficção científica *Fog*, uma crítica ao totalitarismo. Na época, a escrita do alemão, entretanto naturalizado americano, vertia para revistas de divulgação científica. Com a sua verve, Willy popularizou a imagem de foguetões espaciais e viagens além da atmosfera terrestre. Reconciliado com o seu país de origem, fundou a Sociedade para as Viagens Espaciais. Em 1954, Ley ofereceu à sua legião de leitores o livro *Engineer's Dreams* (*Sonhos de Engenheiros*), que nos entrega sete megaprojetos de engenharia. Entre empresas utópicas e outras concretizáveis, o autor pormenorizou o projeto de construção de um túnel submarino a ligar a Grã-Bretanha à França e também explanou outro projeto

alemão da década de 20, popular na década seguinte e no final dos anos 40, início dos 50. Ao longo de 32 anos o arquiteto expressionista alemão Herman Sörgel alimentou a utopia de nome Atlantropa. Nascido em 1855, visionou um plano transcontinental, uma obra estimada para um século, com caráter geopolítico, económico, ambiental, energético, entre outros propósitos. Atlantropa teria como expoente a construção de uma barragem no estreito de Gibraltar, uma muralha de 35 km de extensão a unir as margens da Europa e de África. Olhando para a Europa devastada após a Grande Guerra de 1914/1918, anteviu-lhe um futuro expansionista. A conceção do alemão visava ocupar terras submersas sob as águas do mar Mediterrâneo. Após dois séculos a esvaizar o leito do mar a favor do Atlântico, o *mare nostrum* baixaria 20%, para conquistar 233.000 km<sup>2</sup> de área antes submersa.

A megalomania de Herman Sörgel alargava-se também ao conti-



Der Gibraltardamm im Bau.

nente africano, pois Atlantropa nasceria da união da Europa com África. A partir do instituto criado para o efeito, sonhava com uma rede de barragens hidroelétricas no Mediterrâneo (no estreito de Dardanelos e entre a Sicília e a Tunísia), mas também mais a sul, no rio Congo, ali para alimentar lagos

artificiais no Norte de África, fontes de água para as sedentas terras saarianas. Um esquema que, argumentava o seu autor, se baseava no pacifismo e na criação de um sentimento pan-europeu, ao unir a Europa destruída após a I Guerra Mundial. Contrapunham os críticos a Atlantropa: nesta residia uma

atitude eurocêntrica em relação a África e uma aposta na geopolítica neocolonial, antevendo um mundo dividido em três grandes áreas de influência – as Américas, a Ásia e Atlantropa. Críticas que se estendiam à carência de verdadeira cooperação europeia. Os países mediterrânicos viam-se excluídos do debate, na medida em que era ignorado o impacto do recuo do mar nas comunidades costeiras.

Herman Sörgel via no seu intento um caminho contrário ao dos seus detratores e defendia-o como uma alternativa pan-europeia pacífica, oposta ao conceito de *Lebensraum*, o espaço vital defendido pela Alemanha nazi, e acreditava que residia no seu megaprojeto a força competitiva face às Américas e a uma Ásia Oriental em ascensão. Defendia que a Europa deveria ter territórios em todas as regiões climáticas, no caso concreto em África, e habitados por europeus.

Atlantropa era também um megaprojeto hidroelétrico, pois Sörgel antevia na energia produzida nas barragens força para alimentar a indústria e reduzir a dependência dos combustíveis fósseis, porque nos antigos litorais mediterrânicos nasceriam terras cultiváveis. O gigantismo das obras públicas aliviaria o desemprego no Velho Continente e as migrações para os novos territórios minguariam a superpopulação na Europa, que, de acordo com o arquiteto alemão, era causa de agitação política. A utopia de Herman subia aos céus: a descida do nível do mar Mediterrâneo e um Norte de África povoado de águas trariam um clima mais ameno às regiões setentrionais. E sonhava com uma torre de 400 metros a emergir das águas no estreito de Gibraltar. Um totem à sua megalomania e a um projeto que sucumbiu à sua dimensão, aos ideais que professava e a razões tangíveis.

A emergência da energia nuclear, os custos de um tal plano para os cofres europeus e o fim do colonialismo ditaram o canto do cisne de Atlantropa. Hoje, da utopia pan-europeia de Sörgel resta uma miríade de material publicitário, entre mapas, plantas e maquetas das barragens. Herman Sörgel morreu em 1952, fiel ao projeto que lançara três décadas antes. Willy Ley faleceu a 24 de junho de 1969, pouco mais de um mês antes dos passos do astronauta norte-americano Neil Armstrong no solo lunar. Atualmente, o lado oculto da Lua alberga uma cratera com pouco mais de 70 km de diâmetro. Tem o nome de Ley.



Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT “faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal”. Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: “dá-nos um mais divertido”. E o resultado foi este.

**Arnaldo Azevedo** Chef do Restaurante Vila Foz (1\* MICHELIN)

“A comida mais estranha que experimentei? Crocodilo, nem é carne nem é peixe”

**Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?**

Não acredito em superpoderes, acredito em pessoas lutadoras, isso, sim, considero poder, basta acreditar.

**Qual o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?**

*Diamantes de Sangue.*

**Qual a comida mais estranha que já experimentou?**

Crocodilo, nem é carne nem é peixe.

**Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?**

Nunca me passou isso pela cabeça, mas provavelmente poder fazer parte da comitiva dos Descobrimentos.

**Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?**

Seria, sem dúvida, o *ratatouille*, acho que tem tudo a ver comigo.

**Qual a dança mais embaraçosa que já fez?**  
Tenho a perfeita noção de que não



D.R.



tenho jeito nenhum para dançar, como tal tento sempre evitar.

**Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?**  
O *Papa Francisco*.

**Qual a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?**  
A dança não é de todo o meu forte, mas sem dúvida que os ritmos das músicas brasileiras mexem com qualquer um.

**Se tivesse que viver num filme, qual escolheria e porquê?**

Se gerir equipas for considerado um filme, no meu caso, que tenho de gerir 30 pessoas, é um autêntico elenco.

**Qual o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?**

Não sei, acho que nunca recebi presentes estranhos, o que significa que as pessoas me conhecem bem.

**Se fosse um animal, qual seria e porquê?**

Um *cão*, é o animal de que mais gosto.

**Qual a sobremesa favorita que nunca recusaria?**

Gosto bastante mais de salgados; doces recuso facilmente.



**Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?**

O dia do cozinheiro, certamente rodeado da família e amigos.

**Qual o seu hobby mais estranho ou incomum?**

Não considero estranho nem incomum, mas adoro experimentar novos restaurantes.

**Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?**

Tenho a sorte de ter algumas celebridades como amigos e sinto-me um felizardo.

**Qual a piada mais engraçada que conhece?**

A graça de qualquer piada depende sempre do contexto do momento. Valorizo a piada curta e inteligente.

**Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?**

Um *falcão*, pois gostava de saber de que forma avalia a sua presa.

**Qual o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?**

Gosto que sejam os outros a avaliar.

**Se fosse uma cor, qual seria e porquê?**

A cor verde, porque significa esperança.

**Qual a palavra que mais gosta de dizer e porquê?**

Obrigado. Nunca me canso de agradecer.

**Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?**

A cura para todo o tipo de doenças.

**Qual a coisa mais ridícula que já comprou?**

Só compro o que realmente gosto.

**Se tivesse que comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?**



Adoro *ovos*, na medida em que é a proteína que liga bem com tudo.

**Qual a sua memória de infância mais engraçada?**

Passar as férias na aldeia e almoçar em casa dos vizinhos.

**Se fosse um meme, qual seria?**

Um meme de bem com a vida

**Qual seria o título da sua autobiografia?**

A vida é bela, não dês cabo dela.

**Se pudesse ser um personagem de videojogo, qual seria?**

O *Super Mário*.

**Qual o seu trocadilho ou piada favorito?**

O comer e o coçar vai do começar.

**Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?**

Não mudava nada, era eu mesmo.

**Qual a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?**

A ingratidão é um prato que se come frio.







Grupo Sovena, de óleos e azeites, será um dos homenageados.

## 743 milhões US\$

**Ranking I** Os produtos de Portugal para o Brasil somam um total de 743 milhões de dólares, conforme atualização de julho deste ano.

## 1,93 bilhão US\$

**Ranking II** O Brasil exporta para Portugal 1,93 bilhão de dólares de acordo com o mesmo relatório. Óleos brutos de petróleo lideram as exportações.

## 7x39

**Fornecedores** O Brasil é o sétimo maior fornecedor de Portugal, com 3,5% de participação no mercado. Portugal é o 39.º no Brasil, com 0,4% de participação no mercado.

O empresário espera que a premiação seja um momento de divulgação das possibilidades de mercado e investimento. Será a primeira vez que 12 empresas/entidades serão homenageadas pela câmara. A escolha foi realizada por um comitê de associados.

# “Há espaço para crescimento nos negócios entre Brasil e Portugal”

**APROXIMA PORTUGAL-BRASIL** Prêmio nesta semana vai homenagear empresários portugueses que atuam no Brasil e vice-versa. Objetivo é valorizar e fomentar mais negócios.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Os maiores impulsionadores das relações entre Brasil e Portugal serão homenageados nesta semana em Lisboa. O prêmio “Aproxima Portugal-Brasil” será entregue na quinta-feira para 12 personalidades que se destacam no Brasil e em Portugal. O objetivo é reconhecer a contribuição para ambos os países e fomentar ainda mais o comércio entre os países. “Há espaço para a relação comercial de Brasil e Portugal crescer ainda mais”, diz ao DN Brasil Otacílio Soares, mineiro presidente da Câmara do Comércio Luso-Brasileira.

Segundo dados exclusivos obtidos pelo jornal junto à Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX), os produtos de Portugal

para o Brasil somam um total de 743 milhões de dólares, conforme atualização de julho deste ano. Já o Brasil exporta para cá 1,93 bilhão de dólares.

Daqui para lá segue, principalmente, gorduras, óleos vegetais “soft”, bruto, refinado ou fracionado. O produto equivale à 40% das exportações de Portugal para o Brasil. Na sequência, com 14%, estão aeronaves e outros equipamentos, muito em parte fruto da Embraer em Portugal. Em terceiro lugar ficam as bebidas alcoólicas, principalmente o vinho português.

Do outro lado do Atlântico para cá, os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos correspondem a 57% das exportações, seguido de óleos combustíveis de petróleo, com 7,3%.



“Há espaço para a relação comercial de Portugal e Brasil crescer ainda mais”, diz Otacílio Soares, presidente da Câmara do Comércio.

As aeronaves e equipamentos completam os três primeiros colocados, com 6,8%.

Mas os números menores também importam. “Todo o investimento é importante, aqui e lá”, avalia o presidente. Na visão de Otacílio, o setor de serviços em Portugal é um dos que mais podem ser beneficiados. Ele acredita que a grande presença de brasileiros em Portugal é um fator importante para tornar o país cada vez mais atrativo. Outra vantagem é ser uma porta para o mercado europeu. Já os empresários portugueses que querem investir no Brasil ganham em termos de mercado. “Temos que diversificar, não ficar só no azeite no caso de Portugal e o Brasil não exportar só petróleo”, comenta.

**Confira a lista de homenageados**

- Estado de Minas Gerais
- Jorge de Melo (Sovena)
- Zeferino Ferreira Costa (Instituto Pernambuco)
- Rijarda Aristóteles (Clube Mulheres de Negócios em Língua Portuguesa)
- Nuno Guedes Vaz Pires (blue Travel, Gula e Revista de Vinhos)
- Paula Amorim (Galp), Francisco Gomes Neto (OGMA Grupo Embraer)
- Jorge Rebelo de Almeida (Vila Galé), Rubens Menin (Menin Estates)
- Miguel Setas (Grupo CCR)
- Luís Faro Ramos e Raimundo Carreiro (Embaixadores de Portugal no Brasil e do Brasil em Portugal, respetivamente)
- Marco Stefanini (Grupo Stefanini)



# Norte esteve de verde amarelo...e branco

**FESTAS** Dia do Brasil no Porto foi celebrado com milhares de pessoas. Em Braga, palco brasileiro na Noite Branca foi um sucesso de público.

TEXTO **AMANDA LIMA**

O Dia do Brasil, que celebra a independência de Portugal, foi celebrado de forma especial no Norte de Portugal neste fim de semana. Duas cidades tiveram festas dedicadas à data: Porto e Viseu, enquanto em Braga, a Noite Branca teve um palco especial, numa festa que também marcou o dia de festa para os brasileiros. O DN Brasil esteve no Porto e também em Braga, as duas cidades da região Norte que mais possuem residentes brasileiros.

No “Bragasil”, como é chamada carinhosamente pelos brasileiros, foram três noites de festa com variados estilos musicais e entrada gratuita. Pessoas de toda a região participaram na edição, promovida pelo DJ brasileiro Lu-

cas de Freitas, em parceria com o empresário Magal, do ramo de automóveis. “É uma festa de dá um quentinho no coração”, disse ao DN Brasil a baiana Evellyn Falcão, que mora em Braga.

A cidade é uma das preferidas dos brasileiros que escolhem Portugal para viver, o que também gera tensões. A própria brincadeira de chamar Braga de “Bragasil” irrita alguns moradores. “Mas é uma brincadeira, o importante é o quanto contribuímos para a cidade, movimentamos a economia, trabalhamos e nos divertimos juntos”, afirma Lucas de Freitas, DJ que também tocou no palco principal da Noite Branca na sexta-feira. O profissional publicou um vídeo que se tornou viral, ao explicar o uso do termo “Bragasil”.



É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um site com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

## Dia do Brasil no Porto

No Porto, a segunda edição do Dia do Brasil reuniu milhares de pessoas no parque do Covelo ontem, em um dia repleto de brasilidade. O evento, promovido pela Batucada Radical, superou a edição de 2023, quando a festa completou 20 anos. “Expandimos neste ano a área do jardim e colocamos mais dois bares, superou as nossas expectativas”, avaliou o DN Brasil o mestre Jorge do Porto, como é conhecido o líder da Batucada Radical. Nesta edição foi modificado o sistema de pagamento, sem fichas, o que tornou as filas mais rápidas, medida elogiada pelo público.

A festa também teve feira “Feita por Elas”, com a participação de empreendedoras imigrantes. Não faltaram dezenas de barracas com comidas típicas que venderam praticamente todo o estoque. No palco, subiram professores de forró, batuques, André Rio - vocalista do bloco Galo da Madrugada, o grupo de pagode *Vem ser Feliz* e bandas que tocaram de Cássia Eller a Alceu Valença.

No próximo fim de semana será a vez de Braga celebrar o Dia do Brasil. Em Lisboa, haverá mais uma edição da Feira Cultural Brasileira, para arrecadação de recursos para o Carnaval 2025.

amanda.lima@dn.pt

## DIA DO BRASIL NA EMBAIXADA

Os 202 anos da independência do Brasil também foram celebrados, como é tradicional, na Embaixada do Brasil em Lisboa. A festa foi realizada na residência oficial do embaixador, Raimundo Carreiro Silva, no cargo desde 2022. No discurso, além de agradecer a presença de todos, o embaixador destacou a importância dos brasileiros em Portugal nas mais diversas áreas. Carreiro citou que, nas universidades, são mais de 20 mil estudantes em diversos cursos espalhados pelas universidades do país. O embaixador também lembrou a contribuição na área do empreendedorismo e inovação. No atendimento aos cidadãos brasileiros, ressaltou as melhorias no serviço de declaração de equivalência do Ensino Médio, que passou a ser digital. No último ano, mais de 18 mil documentos foram emitidos. “É algo que tem um significado extraordinário” para os brasileiros, citou Carreiro. Já no Consulado Geral do Brasil em Lisboa, comandado pelo cônsul Wladimir Waller Filho, elogiou a eficiência do serviço prestado, com 5 mil atendimentos por mês. Outro destaque no discurso foi a relação diplomática do Brasil com Portugal, que completa 200 anos em 2025. Para celebrar, celebradas com dezenas de atividades em ambos os países e a cúpula bilateral que será realizada no Brasil, uma vez que a última, em 2023, ocorreu em Lisboa.

Diante do crescente aumento de brasileiros no país, mais de 600 mil com título de residência, conforme dados exclusivos obtidos pelo DN Brasil, o chefe da diplomacia parabenizou a criação do DN Brasil junto com o *Diário de Notícias*. O DN Brasil esteve presente e distribuiu exemplares do caderno especial de setembro com o tema Estudar em Portugal.



CARLOS CARREIRO





LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS

# Famílias aproveitam subida do preço do ouro, mas sem corridas

**MATÉRIA-PRIMA** Casas especializadas em compra e venda de ouro notam aumento dos valores transacionados e maior atividade a Norte. Onça de ouro subiu 20% desde o início do ano, mas a valorização também traz desafios.

TEXTO JOSÉ VARELA RODRIGUES

O preço de referência do ouro está acima dos 2500 dólares a onça (2250 euros, aproximadamente). A matéria-prima tem valorizado nas últimas semanas perante os sinais de menor rentabilidade de outros instrumentos de investimento nos mercados de capitais, evidenciando-se mais uma vez como um ativo de refúgio. Em Portugal, as casas dedicadas à compra e venda de ouro notam uma subida dos valores transacionados.

“Sempre que há este movimento em alta nota-se um afluxo e, de facto, há um acréscimo em termos de valores transacionados”, afirma Luís Lopes, presidente da Associação Nacional do Comércio e Valorização do Bem Usado (Anusa), que representa cerca de uma centena de empresas dedicadas à compra e venda de artigos usados verificados, sendo o comércio de ouro junto dos consumidores uma das principais atividades.

O preço da onça de ouro cresceu mais de 20% desde o início do ano e o responsável adianta que o aumento dos valores transacionados em Portugal “acompanha” a valorização dos índices dos mercados de capitais, apontando maior atividade no comércio de peças usadas de ouro no Norte do país – historicamente, é a região com maior ligação “quer ao fabrico quer à compra”. Mas Luís Lopes diz que o acréscimo verificado não corresponde a um cenário de “corrida ao ouro” pelas famílias residentes no país ou pelo setor.

E garante, aliás, que a atividade está longe do que ocorreu entre 2008 e 2015, período em que o país atravessou uma crise financeira, medidas de austeridade e uma intervenção da *troika*. Naqueles anos, muitas famílias venderam peças antigas que ainda guardavam e as empresas também abriram mão de muitos valores a entidades estrangeiras, que “vieram minerar a Portugal, basi-

camente”. O presidente da Anusa considera que muito património português “foi delapidado”, fruto das “facilidades” criadas para estimular o comércio de ouro, surgin-

**Ourivesarias geram volume de negócios acima de 1,5 mil milhões de euros e o volume de exportações subiu mais de 20%, para 313 milhões em 2022, o valor mais elevado desde 2017, segundo os últimos dados disponíveis. É no segmento de luxo que o setor se destaca.**

do a partir de 2009 “uma série de novos estabelecimentos para haver negócio nesta área”.

Atualmente, “as famílias têm na sua posse muito menos quantidade de ouro, sendo que também se reduziu a qualidade das peças” – muito do metal transacionado hoje no país tem uma “pureza mais baixa”, sendo o ouro de nove quilates “o que se vende mais” – e o setor também está “mais regulado”. Mas defende, porém, a necessidade de “melhorar” o regime jurídico da ourivesaria e das contrastarias, criado em 2015.

## Valorização do ouro gera desafios às empresas

Para as ourivesarias, o momento atual “tem um impacto direto no setor”, gerando um “misto de desafios e oportunidades”, segundo João Faria, presidente da Associação de Ourivesaria e Relojoaria de Portugal (AORP), que representa 540 empresas responsáveis por “mais de 1,5 mil milhões de euros”

em volume de negócios e 9900 empregos em 2022 (últimos dados disponíveis).

“Por um lado, o aumento do valor do ouro beneficia os retalhistas e produtores que detêm reservas deste metal precioso, valorizando o *stock*. Por outro, para as empresas que necessitam de adquirir ouro para a produção de novas peças o aumento dos preços pode representar um desafio, elevando os custos de produção e, consequentemente, os preços finais para os consumidores”, afirma.

Leitura idêntica tem João Carlos Brito, secretário-geral da Associação Portuguesa da Indústria de Ourivesaria (APIO), que representa 138 empresas. O responsável avisa que um aumento dos custos de produção “pode pressionar as margens das empresas, especialmente das mais pequenas”.

Para o líder da AORP, “a pressão sobre os custos exige que as organizações sejam mais eficientes e estratégicas nas suas operações”. A estratégia pode passar pelo “uso de materiais alternativos ou a aposta no mercado de luxo, onde o impacto do custo pode ser mais diluído”.

“A valorização do ouro pode aumentar a procura por peças de maior valor agregado, beneficiando os produtores que apostam na qualidade e no *design* exclusivo”, acrescenta, por sua vez, João Carlos Brito.

O presidente da AORP nota que Portugal tem um “posicionamento de nicho” no negócio do ouro, visto que a produção nacional enfrenta desafios “em termos de escala e de volume de produção”. Itália e França são os “grandes produtores europeus” e, por isso, Portugal destaca-se pela “exclusividade”, ao “competir em segmentos mais altos do mercado”. “Entre 2021 e 2022 o volume das exportações [do setor nacional] subiu mais de 20%, para 313 milhões de euros, o valor mais elevado desde 2017”, vinca.

“É importante notar que o ouro é tradicionalmente visto como um refúgio em tempos de incerteza, como os que vivemos atualmente, o que pode gerar um aumento na procura. No entanto, as tendências de consumo também se têm alterado significativamente, e a capacidade do setor em se adaptar a estas mudanças será crucial para mitigar eventuais impactos negativos”, comenta ainda o presidente da APIO.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt





PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Nova SBE, Católica-Lisbon, Iscte e FEP integram ranking do FT dos 100 melhores mestrados em Gestão.

## Há quatro mestrados em Gestão entre os melhores do mundo

**ENSINO** Pela primeira vez, o mestrado da Nova SBE está no *top 10* do ranking do FT. Há mais três escolas portuguesas distinguidas.

TEXTO SÓNIA SANTOS PEREIRA

**P**ortugal tem quatro mestrados de Gestão entre os 100 melhores do mundo, revela a edição deste ano do *Masters in Management* do *Financial Times* (FT). A Nova School of Business & Economics destaca-se nesta lista internacional por alcançar, pela primeira vez, o *top 10*. O curso desta escola de ensino superior subiu à 8.ª posição, escalando sete lugares face à classificação obtida em 2023. Os mestrados da Católica Lisbon School of Business & Economics, do Iscte Business School e da Faculdade de Economia da Universidade do Porto são também distinguidos neste ranking.

O mestrado em Gestão da Nova SBE destacou-se nos indicadores internacionais de mobilidade, experiência académica e no critério de pegada de carbono (que avalia as emissões de carbono das escolas nos últimos três anos), tendo atingido uma pontuação de 9,31 de satisfação numa escala de 10. Segundo o diretor, Pedro Oliveira, o desafio “passa por munir os nossos alunos de experiências internacionais, para que possam estar preparados para o mercado e para

que possam crescer e desenvolver-se entre outras culturas”.

A Católica-Lisbon garantiu o 27.º lugar a nível mundial, descedo uma posição no ranking. A taxa de empregabilidade de 97% nos três meses após a conclusão da formação, a elevada proporção de professores (38%) e alunos (93%) internacionais e também a paridade de género nos estudantes e docentes são os critérios que mais contribuíram para esta classificação. Para Filipe Santos, *dean* da escola, “este resultado reflete o nosso compromisso em preparar os alunos para os desafios globais, com uma experiência educativa verdadeiramente internacional – mais de 90% dos nossos estudantes são de fora de Portugal”.

O Iscte Business School subiu duas posições nesta tabela de formação de líderes empresariais, para o 60.º lugar. Para a diretora, Maria João Cortinhal, esta evolução é “o reflexo do esforço contínuo na melhoria da qualidade” do programa, que atrai cada vez mais estudantes internacionais. Segundo o Iscte, 36% do corpo discente é composto por alunos de outros países. O Iscte “trabalha constantemente

para garantir que o seu currículo é relevante no contexto internacional”, frisa a responsável da instituição.

Nesta edição do ranking do FT destaca-se também a entrada do mestrado da FEP diretamente para a 70.ª posição. A formação desta instituição distinguiu-se no critério de progressão de carreira, onde ocupa a 1.ª posição em Portugal e a 8.ª a nível mundial. O diretor, Óscar Afonso, sublinha que este reconhecimento reflete “a relevância internacional do curso e o forte impacto na progressão de carreira dos nossos diplomados”. Espelha também o compromisso da escola “com a inovação, a diversidade e a formação de líderes para um mercado global cada vez mais competitivo.”

O ranking *Masters in Management* classifica, todos os anos, os 100 melhores mestrados de Gestão no mundo. Progressão de carreira e mobilidade dos graduados, diversidade dos alunos e professores, experiência internacional, investigação e, mais recentemente, a pegada de carbono são alguns dos 19 indicadores de avaliação.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

## Preço e limpeza colocam portugueses no pódio dos hóspedes mais exigentes

**TURISMO** Espanhóis, italianos e portugueses são os que pior classificam os Alojamentos Locais.

TEXTO SÓNIA SANTOS PEREIRA

**O**s turistas portugueses que optam por se hospedar em Alojamentos Locais (AL) são muito exigentes e críticos. Os critérios preço-qualidade e a limpeza do espaço são alvo de exame minucioso e também aqueles que piores avaliações têm dos hóspedes lusos. Os espanhóis e os italianos são ainda mais rigorosos nestes aspetos. Numa tendência que parece muito mediterrânica, os turistas destes três países ocupam o pódio dos hóspedes que dão as mais baixas classificações aos estabelecimentos onde pernoitam em lazer.

Os espanhóis apresentam-se como os mais insatisfeitos com os alojamentos, distinguindo-se como a nacionalidade que frequentemente dá a classificação mais baixa. Seguem-se os italianos e a fechar este pódio estão os portugueses, conclui a análise da RentalReady, uma plataforma de gestão de propriedades utilizado por gestores de AL de todo o mundo. O estudo comparou os níveis de satisfação dos hóspedes em diversos parâmetros, desde limpeza, processo de *check-in*, localização ou relação qualidade-preço.

Já a liderança do *top 10* dos visitantes mais satisfeitos e que reservaram estadas no portefólio internacional do RentalReady é ocupada pelos norte-americanos. Estes turistas apresentam-se como os mais

felizes e também os mais generosos nas avaliações, já que 68% destes deixam uma classificação de 5 estrelas. Os britânicos e os brasileiros completam o pódio dos mais satisfeitos com a escolha do AL, ambos a dar a classificação máxima em 64% das estadas. Os critérios mais valorizados nas classificações são o processo de *check-in*, a localização da propriedade, a comunicação e a coerência e transparência da informação.

Apesar de muito críticos, 55% dos portugueses acabam por dar a classificação máxima ao AL, ou seja, 5 estrelas. Apenas 3% dos turistas lusos dá 1 estrela e 27% classificam com 4. Já os espanhóis são os que mais frequentemente avaliam as experiências com 1 estrela (3%) e menos com 5 (48%). Os italianos têm por hábito dar uma avaliação intermédia de 3 estrelas (4%) e os neerlandeses parecem evitar extremos, respondendo por uma das mais baixas percentagens de 1 estrela (1%) e de 5 estrelas (49%), sendo os que mais vezes avaliam estadas com 4 estrelas (37%).

O estudo do RentalReady, sistema de gestão de propriedades criado pela GuestReady, teve por base a análise das avaliações de mais de um milhão de hóspedes que reservaram unidades de AL na Europa, Médio Oriente, África e América do Norte.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt



MARIA JOÃO GALA / GLOBAL IMAGENS

Portugueses valorizam limpeza dos espaços de alojamento.





María Corina Machado e Edmundo González num protesto depois das eleições.

YURI CORTÉZ / AFP

# González foge para o exílio, mas María Corina Machado promete “lutar até ao fim”

**VENEZUELA** O ex-diplomata, de 75 anos, foi o candidato da oposição nas presidenciais, mas a verdadeira líder opositora é a lusodescendente.

TEXTO SUSANA SALVADOR

“Que isto fique muito claro para todos: Edmundo [González] lutará desde o exterior junto com a nossa diáspora e eu continuarei a fazê-lo aqui, junto de vocês.” Horas depois do anúncio de que o ex-diplomata que disputou as presidenciais contra Nicolás Maduro tinha deixado a Venezuela a caminho de Espanha, que lhe concederá asilo político, aquela que é a verdadeira líder da oposição venezuelana, María Corina Machado, escrevia uma mensagem no X a pedir “serenidade, coragem e firmeza” e a deixar claro que ela não planeia sair do país. “Esta luta é até ao fim e a vitória é nossa”, indicou.

González, que muitos países reconhecem como o verdadeiro vencedor das eleições, chegou ontem a Madrid (onde vive uma

das filhas) num avião da Força Aérea Espanhola. Viajou acompanhado da mulher e do secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros espanhol, Diego Martínez Belío, tendo garantido o asilo político como outros opositores venezuelanos (*ver caixa*).

O ex-diplomata, de 75 anos, tinha sido visto em público pela última vez dois dias depois das eleições, num protesto em Caracas, sabendo-se ontem que esteve refugiado na Embaixada dos Países Baixos. Só na quinta-feira foi transferido para a espanhola, sendo que o ex-primeiro-ministro José Luis Zapatero terá servido de mediador no acordo que possibilitou a sua saída do país.

González era alvo de um mandado de captura da parte das autoridades venezuelanas, que o acusam de vários crimes relacio-

nados com a sua denúncia de fraude eleitoral. Para muitos opositores, esse mandado não se destinava verdadeiramente a conseguir a sua detenção, mas a pressioná-lo a partir para o exílio.

## María Corina Machado fica

Quem parece determinada em não sair é Corina Machado, que venceu com mais de 90% as primárias da Mesa da Unidade Democrática para ser candidata às presidenciais, mas foi impedida de o fazer pela justiça venezuelana (controlada pelo regime). A ex-deputada, de 56 anos, com raízes portuguesas, acabaria por apoiar o quase desconhecido ex-embaixador na Argélia e na Argentina.

Os dois fizeram campanha juntos e a popularidade dela traduziu-se nos votos para ele – segun-

do as atas eleitorais apresentadas pela oposição, foi ele que venceu as eleições, e não Maduro. Na mensagem que escreveu no X, María Corina Machado lembrou que González saiu do país porque “a sua vida corria perigo”, acreditando que ele, a 10 de janeiro, tomará posse como deve como presidente da Venezuela.

A líder opositora também tem estado escondida, surgindo em público apenas em alguns protestos da oposição. Filha de um empresário metalúrgico cujas empresas foram nacionalizadas por Hugo Chávez, Corina estudou Engenharia Industrial e Finanças. Ganhou destaque à frente de uma organização que recolheu assinaturas para o referendo revogatório contra Chávez, que viria a realizar-se em 2004, sendo então apelidada de colaboradora do “golpismo imperialista” por ter estudado e ter ligações com os EUA.

Foi eleita deputada independente em 2010 e perdeu, dois anos depois, as primárias da oposição para Henrique Capriles. Sempre teve um discurso mais radical do que outros opositores, tendo sido a primeira a apelar o governo de Maduro de “ditadura”. Também rejeitou qualquer negociação com o regime, apelidando os que aceitaram de “colaboracionistas”, e defendeu o uso da força para derrubar o presidente.

susana.f.salvador@dn.pt

## OUTROS OPOSITORES

### JUAN GUAIDÓ

O ex-líder da Assembleia Nacional proclamou-se presidente interino em 2019, depois da reeleição contestada de Nicolás Maduro. Mas não conseguiu uma mudança de regime, acabando por, em abril de 2023, partir para a Colômbia e depois seguir para Miami, nos EUA, onde vive.



### LEOPOLDO LÓPEZ

O antigo autarca de Chacao foi detido em 2014 por liderar os protestos contra o governo ainda de Hugo Chávez, já depois de ter sido impedido de se candidatar a cargos públicos por alegada corrupção. Em 2017 foi posto em prisão domiciliária, aproveitando a tentativa de golpe militar contra Maduro em 2019 para se refugiar na Embaixada de Espanha em Caracas. Em outubro de 2020 saiu para a Colômbia e está agora em Madrid.



### ANTONIO LEDEZMA

O antigo autarca de Caracas também está na capital espanhola com a família. Em 2015 foi detido, acusado de liderar uma tentativa de golpe contra Maduro – algo que sempre negou. Por questões de saúde, ficaria em prisão domiciliária, acabando por fugir da Venezuela em novembro de 2017, cruzando a fronteira com a Colômbia antes de seguir para Espanha.



### JULIO BORGES

O antigo presidente da Assembleia Nacional venezuelana é outro dos que vive em Espanha, depois de em 2018 ter conseguido asilo político na Colômbia. Foi acusado de alegada corrupção e por supostamente planejar e financiar um atentado com drone contra Maduro, em 2018, sendo também procurado por traição à pátria na tentativa de levantamento militar em 2019.







Fronteira foi fechada, assim como todas as entradas em Israel.

## Três israelitas morreram num ataque na fronteira entre Jordânia e Cisjordânia

**TENSÃO** É o quarto ataque armado no território palestino ocupado por Israel em duas semanas.

Um camionista jordano matou ontem três civis israelitas antes de ser abatido num tiroteio na única fronteira entre a Jordânia e a Cisjordânia, naquele que é o quarto ataque armado nas últimas duas semanas no território palestino ocupado por Israel.

Segundo as Forças de Defesa de Israel (IDF), “um terrorista aproximou-se da área da Ponte Allenby [também conhecida como Ponte Rei Hussein] vindo da Jordânia num camião, saiu e disparou contra as forças de segurança que operavam na ponte. O terrorista foi eliminado pelas forças de segurança, três civis israelitas foram pronunciados mortos como resultado do ataque.” Os militares foram chamados para investigar se o camião transportava explosivos.

Segundo a imprensa israelita, as vítimas do ataque são Yuri Birnbaum, de 61 anos, Adrian Marcelo Podmesser, de 57, e Yohanan Shehori, de 61. Viviam todos em colonatos israelitas na Cisjordânia ocupada. O Ministério do Interior jordano já abriu uma investigação, tendo identificado o atirador: Maher Diab Hussein al-Jazi, de 39 anos.

A fronteira, a única que os palestinos podem usar sem ter que entrar em Israel, que ocupa o território desde 1967, foi fechada. Israel também fechou todas as

suas fronteiras com a Jordânia, mas planeava reabri-las já hoje.

O primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, denunciou o atirador como sendo um “terrorista desprezível” inspirado numa “ideologia assassina” que, segundo ele, foi alimentada pelo Irão. Já o Hamas elogiou o ataque, alegando que “mostra a rejeição do povo árabe sobre a ocupação, os seus crimes e as suas ambições na Palestina e na Jordânia”.

Com a guerra na Faixa de Gaza a entrar no 12.º mês, a tensão na Cisjordânia está a aumentar. Este foi o quarto ataque armado em duas semanas, surgindo após o final da maior operação militar israelita no território, que deixou pelo menos 36 mortos.

A 25 de agosto, dois palestinos foram abatidos pelos soldados num posto de controlo para o colonato de Ariel, depois de alegadamente os terem tentado atropelar com o seu veículo. Seis dias depois, outros dois palestinos foram mortos após duas tentativas de ataque com carros armadilhados, em Karmeit Zur e na entrada para Gush Etzion, perto de Hebron. Três guardas ficaram ligeiramente feridos.

A 1 de setembro, três polícias israelitas morreram num ataque a tiro contra um carro da polícia num posto militar de Hebron. O atacante, um palestino, foi abatido. **S.S. Com AGÊNCIAS**

### BREVES

#### Presidente argelino reeleito com 94,65%

O presidente da Argélia, Abdelmadjid Tebboune, foi reeleito com 94,65% dos votos, anunciou a Autoridade Eleitoral do país. De um total de 5,63 milhões de votos emitidos nas eleições de sábado, 5,32 milhões foram para o presidente, que era o grande favorito e enfrentava apenas dois adversários. Um deles, Abdelali Hassani, líder do Movimento Sociedade pela Paz (MSP, principal partido islamista), acusou o presidente de inflacionar os resultados e questionou a participação. O único número revelado é o da “taxa média de participação”, conhecido logo que fecharam as urnas. Foi de 48%, acima dos 39,88% das eleições de 2019 – marcadas pelo boicote no auge do movimento de protesto conhecido como Hirak.

#### Rússia anuncia conquista de Novohrodvka

A Rússia anunciou ontem a conquista de mais uma localidade no Leste da Ucrânia, Novohrodvka, a cerca de 20 km de Pokrovsk, um importante centro logístico do exército ucraniano. Já Kiev denunciou um ataque contra Sumy, que causou dois mortos, voltando a insistir junto dos aliados para que permitam o uso dos seus mísseis em território russo. Moscovo intensificou os ataques nas últimas semanas, enquanto tenta conter a ofensiva ucraniana iniciada em 6 de agosto em Kursk. O objetivo de Kiev é criar uma “zona-tampão” na fronteira, que permitiria proteger a sua população. Foi de Sumy que partiram as tropas e tanques de Kiev em direção a Kursk.

IADE CREATING CREATORS

# Jornalismo Digital Pós-Graduação

Em parceria com:



Outubro 2024

10 meses

134 horas

33 ECTS

Formato Blended

iade.pt

admissions@iade.pt

+351 210 205 704

+351 967 276 970

Curso não conferente de grau académico

saber mais



Share



# Pedro Domingos

## “A inteligência artificial leva a uma democracia que funciona melhor do que aquela que temos hoje”

**LIVRO** Luso-americano, que é investigador de Aprendizagem das Máquinas e autor de *O Algoritmo Mestre*, acaba de lançar *2040: A Silicon Valley Satire*. Numa mudança total de registo literário, ainda sem edição portuguesa, imagina a Casa Branca disputada entre um Presibot e um falso chefe índio. E este ano vê Trump como um mal menor.

ENTREVISTA **LEONARDO RALHA**

**Como surgiu a ideia de escrever sobre umas presidenciais disputadas entre uma entidade de inteligência artificial (IA) e um suposto chefe índio apostado em destruir os Estados Unidos?**

Sempre achei que alguém devia escrever um romance sobre Silicon Valley. A minha inspiração foi *A Fogueira das Vaidades*, que é uma sátira muito bem apanhada de Wall Street nos anos 80, quando o mercado de capitais era a indústria icónica, que hoje é a tecnologia. Tentei convencer pessoas, incluindo jornalistas que gostam de escrever romances, mas nunca consegui, pelo que cheguei à conclusão de que, se calhar, o melhor seria eu escrever o livro. Sou um cientista, mas conheço o mundo da tecnologia bastante bem e por dentro – e há muitos anos aprendi a escrever ficção científica, pelo que estava minimamente qualificado.

**Pesou os prós e os contras de um cientista e académico fazer um projeto literário deste tipo?**

O maior contra foi o tempo significativo que gastei. Mas foi mais uma atividade de tempos livres, paralela à minha investigação. Já a grande vantagem, depois de ter falado com pessoas de todos os quadrantes, foi concluir que não havia nada melhor para as fazer ver o que é a IA do que escrever uma história a contar como é realmente. Embora seja uma farsa, tem uma finalidade educativa séria. Mas talvez esteja a racionalizar demasiado o processo, por-

que o que aconteceu é que há alguns anos, quando uma jornalista me perguntou “votava numa entidade de IA para presidente?”, respondi “não, mas se o outro candidato fosse o Trump, sim” (*ri-se*).

**Escolheu 2040 como ano em que decorre o livro e a sátira como género literário. Ambas as coisas foram evidentes desde o início?**

Tinha de ser num ano de eleições nos Estados Unidos, e queria que fosse no futuro próximo, pois o livro, na realidade, não é sobre 2040, tal como *O Triunfo dos Porcos* não é sobre porcos. É uma caricatura de 2024, pelo que teria de ser numa data próxima, o mais próxima possível, para dar um sentido de urgência quanto a coisas que estão quase a acontecer ou mesmo a acontecer. Não podendo ser 2042, por não ser ano de presidenciais, julgo que 2040 foi uma boa escolha. Por outro lado, quando pensei escrever um romance sobre Silicon Valley, a sátira foi logo o género óbvio. Há tanto para satirizar... (*risos*)

**O livro 2040: A Silicon Valley Satire arranca com um debate presidencial tenso, em que o Presibot republicano perde a cabeça, literalmente, enquanto o Touro Enraivecido democrata desafia os limites da sanidade mental. Comparados com isto, os debates entre Donald Trump e Kamala Harris serão desenhos animados da Disney?**

O primeiro capítulo ilustra o chamado paradoxo de Moravec, se-

gundo o qual coisas que parecem fáceis para a IA, por serem fáceis para seres humanos, na realidade são difíceis, e vice-versa. Isto tem implicações enormes para o futuro de vários empregos, pois é muito mais fácil automatizar um advogado ou um médico do que um operário da construção. O Presibot acaba por se sair muito bem nas coisas que diz tanto à modadora como ao outro candidato. Mas quando alguém lhe aperta a mão, cai do palco. Isto é uma realidade: é muito mais difícil fazer um robô que não caia do palco ao apertarem-lhe a mão do que um Chat GPT que diz coisas certas. E

um dos elementos de sátira é a comparação entre o Presibot e candidatos reais: o Biden deixou-se cair, o Trump é impossível de controlar, a Kamala diz disparates uns a seguir aos outros...

**O Touro Enraivecido apresenta-se como um índio lakota apostado em vingar-se dos colonistas, apesar de ser um branco de vaguíssima ascendência nativa. Inspirou-se na senadora Elizabeth Warren, que disse ser nativo-americana, levando Trump a tratá-la por Pocahontas?**

Esse candidato combina muitas coisas. Tem a piada de não ser índio, tal como Elizabeth Warren, mas há outras mais importantes. O Presibot é uma fraude, mas ele é uma fraude ainda maior: é um influenciador de redes sociais que fez o *stunt* de que iria acabar com os Estados Unidos, numa referência ao que Orson Welles fez em *A Guerra dos Mundos* [uma transmissão rádio que simulou a invasão do país por extraterrestres, inspirada no livro de H. G. Wells]. Outro aspeto é que o Touro Enraivecido é um Trump de esquerda, pois os candidatos populistas tanto podem vir da direita como da esquerda. Mas o mais importante é ser uma caricatura do wokismo. O que faço neste livro, e que é tradicional na ficção científica, é pegar em realidades atuais e levá-las às consequências finais. A lógica do wokismo é que os brancos são colonialistas: fizeram um genocídio e tiraram terra aos índios. A conclusão lógi-

ca é devolvê-la, e em vez dos Estados Unidos haver uma confederação de tribos, cada qual com o seu território. Quis mostrar o absurdo das posições atuais.

**Vê o wokismo como meramente irritante ou mesmo como uma ameaça para a democracia?**

É muito irritante, mas seria ótimo se fosse apenas irritante. O wokismo é um perigo mortal para a democracia nos Estados Unidos e noutros países, onde infelizmente se propaga. Hoje em dia, no ensino, na comunicação social, na política, e também nas empresas, a América está dominada cada vez mais por um totalitarismo inacreditável. Colegas meus que vieram da União Soviética e de países semelhantes reconhecem estes fenómenos como sendo o que se passa em regimes totalitários. As pessoas imigram por acreditarem em certos ideais e, ao chegarem cá, ficam de boca aberta a ver o que se passa nos Estados Unidos. Já vimos isso acontecer com a Revolução Cultural na China e no Camboja. Aliás, há um romance muito famoso, chamado *It Can't Happen Here* [sobre a ascensão do fascismo na América dos anos 30]. Com o wokismo pode acontecer, e está a acontecer. É preciso alertar as pessoas e convencê-las a combatê-lo.

**Nos últimos anos, foi do centro-esquerda para o centro-direita. Seria capaz de escrever um livro como este sem essa mudança?**

Colin Wright, um biólogo da evolução que ficou muito impopular



**2040: A SILICON VALLEY SATIRE**  
Pedro Domingos

Bookbaby  
Disponível na Amazon  
226 páginas  
14,28 euros





DENNIS WISE DRWIS@UW.EDU

ao dizer várias coisas verdadeiras, nas quais as pessoas não querem acreditar, defende que há 20 anos estava no centro-esquerda do espectro político, tal como eu, e ficou no mesmo sítio, mas o espectro estendeu-se à esquerda de forma espetacular, pelo que agora está no centro-direita sem ter mudado. É o que se está a passar com o wokismo: coisas que parecem extremistas e absurdas tornam-se norma em cinco ou dez anos. Ronald Reagan começou por ser de-

mocrata, e nos anos 80 dizia: “Eu não deixei o Partido Democrata; o Partido Democrata é que me deixou a mim.” É mesmo isso.

**Já decidiu em quem irá votar nas presidenciais?**

Ainda não, mas há quatro anos votei Biden e neste momento é mais provável que vote Trump. Não gosto dele absolutamente nada, mas é o menor dos males. O mais importante para mim não é a pessoa em si – cada um deles tem problemas, muito diferentes

e grandes, pois Trump é uma pessoa horrível e Kamala Harris completamente incompetente –, mas como será o governo dos republicanos ou dos democratas. Penso que deve haver pelo menos quatro anos de republicanismo para compensar os disparates destes quatro anos. A tendência para um wokismo cada vez mais extremo só irá piorar com Kamala Harris, e Trump, apesar dos disparates, vai nomear pessoas e tomar medidas que irão combatê-lo.

*“O livro, na realidade, não é sobre 2040, tal como O Triunfo dos Porcos não é sobre porcos. É uma caricatura de 2024, pelo que teria de ser numa data próxima, para dar um sentido de urgência.”*

**Calculo que, enquanto especialista em IA e em Aprendizagem das Máquinas, imaginar o Presibot foi algo que o estimulou.**

O prato forte do livro é tudo o que são o Presibot 1.0 e o Presibot 2.0. Um terço de 2040 foi escrito em 2018, antes de aparecer o ChatGPT, quando a OpenAI era conhecida por nós mas não pelo público em geral. A KumbAI é uma caricatura da OpenAI e o Presibot 1.0 uma descrição muito realista de como é um *chatbot* hoje em dia. Apesar da sátira, um dos objetivos é apresentar a IA como realmente é, ao contrário das fantasias de ficção científica que proliferam. O Presibot 1.0 é muito realista nas forças e fraquezas. O Presibot 2.0 é o que penso que a IA deverá vir a ser, com *crowdsourcing* em tempo real, o que leva a uma democracia que funciona muito melhor do que aquela que temos hoje.

**A governação mediante a vontade direta do povo, numa espécie de crowdgoverning, não contraria o que deveria ser a IA?**

Pelo contrário, o que as pessoas pensam hoje da IA tem a ver com a imagem que têm dela e que é mais ou menos distorcida em relação à realidade. Um dos pontos principais que tento combater com este livro é que as pessoas, perante uma entidade de IA como o Chat GPT ou como o Presibot, têm tendência a atribuir-lhe características humanas. Pensam que está ali uma pessoa, com emoções, vontade e consciência, mas não é nada disso. Na realidade, é a combinação das inteligências humanas que produziram os testes em que foi treinada, que a programaram e que a

controlam. A gente tem de ser capaz de olhar, através da IA, para as pessoas que estão por detrás. O Presibot tenta tornar isso explícito e em tempo real, o que começa a ser possível. E isso não é mau, é bom. Penso que o grande potencial da IA é aumentar a nossa inteligência coletiva – não só a individual, mas a coletiva. De certa forma, 2040 é uma tentativa de ilustrar essa ideia.

**Uma das personagens diz que “a América não pode ser otimizada porque as pessoas querem demasiadas coisas contraditórias”. Certo é que os eleitos humanos têm sempre que lidar com isso...**

Satirizo no livro a tecnocracia ingênua, infelizmente muito comum em Silicon Valley neste momento. Pensam que os problemas sociais se resolvem apenas com soluções tecnológicas e isso ignora coisas muito importantes, como não haver necessariamente um objetivo único. Na teoria dos jogos há múltiplos agentes com múltiplos objetivos. E a teoria dos jogos é a fundação matemática, tanto das ciências sociais como da evolução. O Presibot 2.0, em vez de estar a teorizar, diz que o facto de haver contradições não é um *bug*, pois o papel dessa inteligência coletiva social é resolver as contradições usando mecanismos que já existem – e que podem ser mais desenvolvidos.

**A ideia de trocar “funcionários governamentais incompetentes por máquinas incorruptíveis” é algo de que o eleitorado poderia hoje ser facilmente convencido?**

Estamos ainda muito longe dessa possibilidade, mas os seres humanos e as entidades de IA têm vantagens e desvantagens diferentes e complementares, pelo que o ideal é combinar os dois. O Presibot 2.0 não é a substituição dos políticos humanos por entidades de IA, porque quem o controla é o pessoal da KumbAI.

**Ao contrário de George Orwell, que não pôde ver se 1984 seria como previu em 1948, calculo que planeia estar cá daqui a 16 anos. Ficará muito surpreendido se a sua sátira tiver muitos pontos de contacto com a realidade?**

Parte da inspiração para 2040 foi 1984, que Orwell escreveu como um aviso às pessoas, dizendo “tenham cuidado, porque se não nos acautelarmos é isto o que vai acontecer”. O meu objetivo também é alertar as pessoas. E o que mais gostaria é que 2040 fosse precisamente o oposto do que escrevi no livro.





Ronaldo já leva 132 golos pela seleção e 901 na carreira.

JOSE SENA GOUALHO/LUSA

# CR7 salta do banco e oferece vitória após ode ao desperdício

**LIGA DAS NAÇÕES** Portugal fartou-se de falhar golos, mas o capitão entrou ao intervalo e resolveu, permitindo que Roberto Martínez continue 100% vitorioso em jogos de qualificação pela seleção nacional.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

Portugal venceu a Escócia por 2-1 e somou a segunda vitória em dois jogos na fase de grupos da Liga das Nações, liderando com três pontos de avanço sobre Croácia e Polónia. Pela primeira vez suplente na era Roberto Martínez em jogos oficiais, Cristiano Ronaldo foi lançado ao intervalo, quando a equipa perdia por 0-1, e foi ele a marcar o golo da vitória, muito perto do final.

Roberto Martínez continua 100% vitorioso em jogos de qualificação ao serviço da seleção nacional, com os dois triunfos referidos a juntarem-se às dez vitórias na caminhada rumo ao Euro 2024.

O jogo começou mal para as cores nacionais, com McTominay a inaugurar o marcador aos 7', mas Portugal reagiu bem, com um futebol pressionante que não deixava os escoceses respirar. Os jogadores lusos entravam com toda a facilidade pela direita, pelo meio e pela esquerda, com Rafael Leão a ser o principal desequilibrador. Na retina ficaram duas magníficas jogadas individuais do jogador do AC Milan, a primeira concluída pelo próprio, para grande defesa de Angus Gunn e, na outra, assistiu Diogo Jota, que atirou a rasar a barra.

Bruno Fernandes começava a aparecer mais em jogo, com des-

Portugal lidera o seu grupo na Liga das Nações, com seis pontos em dois jogos, somando três pontos de avanço sobre Croácia e Polónia.

taque para o espantoso passe a isolar Diogo Jota, que falhou o golo por pouco. A seleção das quinas continuava a jogar bem, sucedendo-se os lances de perigo junto da baliza escocesa, que continuava quase miraculosamente a zero, ora devido a excelentes defesas de Angus Gunn, ora porque os remates passavam a poucos centímetros do alvo.

Em cima do intervalo, Rafael Leão voltou a meter o turbo, passando por quem lhe aparecesse pela frente e atirando muito perto do poste. O surpreendente 0-1 com que as duas equipas recolheram ao balneário era surpreendente, depois de 15 remates portugueses e sete claras oportunidades para marcar.

Aparentemente, pouco se podia apontar ao jogo de Portugal – a não ser, evidentemente, a falta de pontaria. Mas Roberto Martínez fez duas substituições no recomeço, com Rúben Neves e Cristiano Ronaldo a entrarem para os lugares de Palhinha e Pedro Neto. E bastaram nove minutos para os lusos chegarem ao empate: depois de vários lances em que não se percebeu como a bola não entrou, desta vez, o remate de Bruno Fernandes nem saiu especialmente bem, mas o guardião escocês deu uma (grande) ajuda. Uma prenda merecida para o médio do

Manchester United, no dia do seu 30.º aniversário e do seu jogo 600 como profissional.

Numa segunda parte de pior qualidade de Portugal, que baixou muito a guarda depois do empate, houve espaço para as três primeiras aproximações perigosas escocesas (extra-golo) à baliza de Diogo Costa. Aos 68', João Félix e João Neves foram lançados para os lugares de Rafael Leão (muito mais apagado na segunda parte) e Bernardo Silva, que somou mais uma exibição a meio gás ao serviço de Portugal. Bruno Fernandes foi colocar-se numa estranha posição de médio/extremo direito.

Foi ainda com Dalot no lugar de Nélson Semedo que Portugal atacou o quarto de hora final, sempre em busca do 2-1, e não faltaram oportunidades para marcar o golo da vitória. Primeiro, João Félix desperdiçou brilhante passe de calcanhar de CR7, depois, o avançado do Chelsea obrigou o guardião escocês a espantosa intervenção. E ainda houve tempo para Cristiano Ronaldo acertar no poste por duas vezes, em jogadas consecutivas.

Mas seria mesmo CR7 a dar a vitória a Portugal aos 88', a emendar um excelente cruzamento de Nuno Mendes. E vão 132 golos por Portugal e 901 na carreira como profissional!

ESTÁDIO LUZ (LISBOA)  
ÁRBITRO MAURIZIO MARIANI (ITA)

PORTUGAL	ESCÓCIA
2	1
DIOGO COSTA	GUNN
NÉLSON SEMEDO (76')	RALSTON
ANTÓNIO SILVA	HANLEY
RÚBEN DIAS	MCKENNA
NUNO MENDES	ROBERTSON
BERNARDO SILVA (68')	GILMOUR
PALHINHA (46')	MCLEAN (74')
BRUNO FERNANDES	CHRISTIE
PEDRO NETO (46')	MCTOMINAY
DIOGO JOTA	MCGINN
RAFAEL LEÃO (68')	DYKES (74')
TREINADOR ROBERTO MARTÍNEZ	TREINADOR STEVE CLARK
SUBSTITUIÇÕES CRISTIANO RONALDO (46')	SUBSTITUIÇÕES CONWAY (74')
RÚBEN NEVES (46')	RYAN GAULD (74')
JOÃO FÉLIX (68')	
JOÃO NEVES (68')	
DIOGO DALOT (76')	

**GOLOS:** MCTOMINAY (7'), BRUNO FERNANDES (54') E CRISTIANO RONALDO (88').  
**CARTÕES AMARELOS:** CHRISTIE (39'), ROBERTSON (51'), NÉLSON SEMEDO (66'), RÚBEN NEVES (67'), BRUNO FERNANDES (80') E HANLEY (86').





Miguel Monteiro ganhou o ouro no lançamento do peso F40.

JULIEN DE ROSA / AFP

# Portugal sai de Paris com sete medalhas e soma 101 em 12 edições

**PARALÍMPICOS** Comitativa lusa igualou nesta edição o resultado de Pequim2008, mas ficou longe do recorde de 15 medalhas.

Os Jogos Paralímpicos Paris2024 terminaram ontem com o saldo da comitativa portuguesa a registar sete medalhas, elevando para 101 o número de pódios conseguidos em 12 participações na competição. Diplomas, nesta edição, foram 18.

O canoísta Norberto Mourão foi ontem o último a entrar em ação, terminando no quarto lugar a prova de 200 metros VL2, na qual tinha conquistado a medalha de bronze em Tóquio2020.

Em Paris, coube a Djibrilo Iafa alcançar a 100.ª medalha, com o bronze no torneio de -73 kg J1 (cegos totais), que foi também a primeira medalha de sempre do judo paralímpico português.

As sete medalhas em Paris2024 juntam-se às 94 conseguidas nas 11 participações anteriores – apenas na primeira, em 1972, os atletas portugueses não subiram ao pódio. Portugal, que na capital francesa conseguiu dois ouros, uma prata e quatro bronzes, conta agora no palmarés com 27 ouros, 31 pratas e 43 bronzes.

O atletismo lidera destacado as modalidades com mais medalhas, 57, seguido do boccia com 27 e da natação com 10, numa tabela na qual o ciclismo soma

três, o judo, a canoagem, o ténis de mesa, e o futebol 7, uma cada.

Depois de ter sido bronze em Tóquio2020, Miguel Monteiro alcançou o ouro no lançamento do peso F40, dando ao atletismo a 55.ª medalha em competições paralímpicas, mas a primeira do metal mais precioso desde os Jogos Sydney2000.

Ainda no atletismo, Sandro Baessa foi prata nos 1500 metros T20, para atletas com deficiência intelectual, e Carolina Duarte bronze na prova de 400 metros T13 (deficiência visual).

Os Jogos Paris2024 marcaram o regresso do boccia português aos pódios paralímpicos, depois de a

modalidade ter ficado em branco em Tóquio2020, algo inédito desde de que se estreou em competições, em Nova Iorque1984.

Cristina Gonçalves, a veterana da comitativa que somou em Paris2024 a sexta participação em Jogos, conseguiu a sua quarta medalha, mas a primeira em competições individuais, sagrando-se campeã no torneio de BC2.

A medalha de Diogo Cancela, nos 200 metros estilos SM8 voltou a levar a natação portuguesa a um pódio paralímpico, 16 anos depois da última subida.

No ciclismo, Luís Costa foi bronze no contrarrelógio H5, para atletas que competem em handbikes, e somou a segunda medalha portuguesa para a modalidade desde 1984.

Os Jogos Sydney2000, nos quais Portugal teve a maior comitativa de sempre, com 52 atletas, foram os que mais medalhas renderam, com 15 lugares no pódio.

Nas três edições anteriores, o número tem vindo a diminuir, com três em Londres2012, quatro no Rio2016 e duas em Tóquio2020, tendência que se inverteu em Paris2024, nos quais Portugal igualou as sete medalhas de Pequim20008.

LUSA

## MEDALHAS DE PORTUGAL EM JOGOS PARALÍMPICOS

EDIÇÃO	ATLETAS	MEDALHAS
Heidelberg1972	11	0
Nova Iorque1984	29	14
Seul1988	13	14
Barcelona1992	29	9
Atlanta1996	35	14
Sydney2000	52	15
Atenas2004	41	12
Pequim2008	35	7
Londres2012	30	3
Rio2016	37	4
Tóquio2020	33	2
Paris2024	27	7



OSCAR DEL POZO / AFP

## Vuleta. Roglič ganha pela quarta vez e iguala recorde de vitórias

O ciclista esloveno Primož Roglič (BORA-hansgrohe) conquistou ontem pela quarta vez a Volta a Espanha, após o contrarrelógio da última etapa vencido por Stefan Küng (Groupama-FDJ), juntando-se ao espanhol Roberto Heras como recordista de triunfos na prova espanhola. Aos 34 anos,

Roglič soma a quarta vitória final na Vuelta, depois das alcançadas entre 2019 e 2021, e a quinta grande Volta da carreira - também ganhou o Giro2023 -, à frente do australiano Ben O'Connor, segundo na geral a 02.36 minutos, e do espanhol Enric Mas, terceiro a 03.13.



TWITTER MIGUEL OLIVEIRA

## MotoGP. Miguel Oliveira 11.º em corrida ganha por Marc Márquez

O português Miguel Oliveira (Aprilia) terminou ontem em 11.º lugar o Grande Prémio de San Marino de MotoGP, 13.ª ronda da temporada do Mundial de motociclismo de velocidade, numa prova ganha pelo espanhol Marc Márquez (Ducati) pela segunda vez consecutiva. Oliveira cortou a meta a 46,386 segundos do

vencedor, com o italiano Francesco Bagnaia (Ducati) na segunda posição, a 3,102 segundos, e o seu compatriota Enea Bastianini (Ducati) em terceiro, a 5,428. O espanhol Jorge Martin (Ducati) manteve a liderança do campeonato, com 312 pontos, apesar do 15.º posto na corrida de ontem.



# Jeff Goodell

## “Precisávamos que houvesse uma figura como Luther King na luta pelo ambiente”

**ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS** Em Portugal para uma conferência no Oceanário a convite da Embaixada dos EUA e para participar no evento Book 2.0, o jornalista norte-americano falou ao DN sobre o perigo imediato das alterações climáticas. Autor de *O Calor É Que Te Vai Matar*, Jeff Goodell garante que dentro de 20 anos Lisboa vai ser muito diferente, devido ao calor, aos fogos florestais e à subida do nível do mar.

ENTREVISTA HELENA TECEDEIRO

**Agosto foi o mês mais quente desde que há registo em países como Espanha ou Austrália. Este tipo de notícia é suficiente para as pessoas, e especialmente os líderes mundiais, perceberem que, como diz no seu livro, “o calor é que nos vai matar”?**

Essa é a questão, não é? Foi a questão desde que se começou a falar em alterações climáticas há 40 anos – qual será esse momento? Eu escrevo sobre alterações climáticas há quase 25 anos e cheguei à conclusão de que não vai haver um momento mágico. Não vai haver um verão quente, ou uma grande tempestade, ou uma grande seca, ou seja o que for que irá fazer com que as pessoas percebam. Vai ser progressivo.

**Parasi, no entanto, foi um momento específico que o fez querer escrever o seu livro *O Calor É Que Te Vai Matar*. No dia em que, em Phoenix, decidiu caminhar até uma reunião e percebeu que o calor o podia mesmo matar. Conte-nos esse momento.**

Não acredito que vá haver um momento de despertar global, mas há momentos que afetam as pessoas individualmente. Para mim... eu visitei Phoenix num dia quente no verão de 2017. Na altura, há 15 anos que escrevia sobre alterações climática e o calor faz

parte das mesmas, não é segredo. Mas nunca tinha pensado nisso como algo pessoal. Naquele dia estava em trabalho e já estava atrasado, o meu Uber não apareceu e decidi fazer 20 quarteirões a pé num dia muito quente. Quando lá cheguei, estava com tonturas, o meu coração estava a explodir no peito. Então pensei: “Oh, meu deus, o que eu fiz foi muito perigoso.” E a parte engraçada é que nunca tinha pensado antes nesse perigo pessoal que o calor constitui. Apesar de escrever e refletir sobre alterações climáticas há muito tempo, nunca me tinha ocorrido que o calor me pudesse matar. Naquele dia percebi que nem sequer conseguia explicar o que é o calor, embora soubesse o que era a temperatura. Mas se me perguntasse o que era o calor, não saberia responder. Então pensei que esta era uma ideia interessante para um livro.

**Geralmente pensamos nas alterações climáticas como algo que nos vai matar dentro de umas centenas de anos...**

Sim, as gerações futuras, os nossos filhos – que mundo é que vamos deixar aos nossos filhos?

**Naquele momento sentiu a urgência de alertar para o perigo imediato – não é uma coisa que vá acontecer no futuro.**

Exatamente. E foi daí que surgiu o título do livro. O meu editor achou que era péssima ideia, que ninguém ia ler um livro com este título, mas disse que ia falar com umas pessoas e me ligava. No dia seguinte ligou a dizer “nem pensar, não pode ser o título do livro”. **Mas é mesmo o título. Como é que o convenceu?**

Argumentei, expliquei que o livro é exatamente sobre isto, que queria desafiar as pessoas, queria que sentissem a ameaça. Não quis ser alarmista, mas queria que não fosse um assunto sobre os nossos filhos, que não fosse sobre glaciares a derreter lá longe ou sobre pessoas de outros continentes. Desejava que fosse sobre nós, sobre estarmos sentados aqui, sobre irmos dar uma corrida num dia de calor e não estarmos preparados. Sobre pessoas a viver em apartamentos em Lisboa sem ar condicionado quando está cada vez mais calor. Quis que fosse visceral e atual. Por isso tenho todo um capítulo sobre o que acontece ao corpo com o calor.

**A ideia é dar-nos uma sensação física do que o calor faz ao corpo?**

Sim, porque quase toda a gente sabe que, quando temos demasiado calor, podemos apanhar uma insolação. O que as pessoas não sabem, como eu não sabia, é

o que acontece ao corpo e por que o calor é tão perigoso. Nos EUA, um crítico escreveu que parte do livro parece um romance de terror, o que assumi como um elogio, uma vez que queria que as pessoas sentissem realmente como os seus corpos derretem por dentro com o calor.

**China e EUA são os dois maiores poluidores mundiais. Sem uma ação forte por parte destes países a luta contra as alterações climáticas é uma causa perdida?**

Não, a luta contra as alterações climáticas não é uma causa perdida. Esse é o maior mito – o de que é tarde demais. E compreendo porque é que algumas pessoas dizem isso. Tem a ver com a forma como as convenções da ONU para o clima funcionam, com os objetivos de 1,5 graus ou 2 graus de aquecimento. Ficamos com a ideia de que, se não travarmos o aquecimento nesses 1,5 ou 2 graus, estamos metidos em grandes sarilhos. Mas não é assim que funciona, não é um sistema linear, não é como se falhássemos os 1,5 graus e já fômos. Cada tonelada de CO<sub>2</sub> que não lançamos para a atmosfera mantém o futuro um pouco mais fresco, cada tonelada a mais

que lançamos torna-o um pouco mais quente. Cada árvore que plantamos em Lisboa vai dar sombra que não estaria ali se não o fizéssemos. E se construirmos edifícios mais adaptados aos diferentes tipos de clima, teremos um futuro melhor do que se não o fizermos. Cada ação conta. As pessoas estão sempre a perguntar-me: “Escreve sobre alterações climáticas há 25 anos, como é que não se tornou num alcoólico que vive numa caverna a rabiscar as paredes com giz sobre o mundo perdido para os seus filhos?” Mas não me sinto assim, porque acho que a luta é contínua e toda a mudança importa. Sabemos que estamos em sarilhos, mas, ao compreendermos o que está por vir, podemos fazer escolhas melhores e eleger melhores políticos. Mencionou a China e os EUA, que são historicamente os maiores poluidores. A Europa, a UE também. Mas não é justo dizer que não estão a fazer nada, pois estão a fazer muito. A China está a fazer muito, como preparar-se para deixar a indústria automóvel europeia fora do mercado devido à ascensão dos carros elétricos. Estão a instalar mais painéis solares, mais eóli-







LEONARDO NEGRÃO

cas do que o resto do mundo todo. Claro que ainda queimam muito carvão, não estão a fazer o suficiente, mas a China está a implementar muita coisa. E os EUA também, e a UE, e Portugal. Estamos todos a fazer muito, mas não chega. Estamos a pensar o futuro energético – em que vai haver energia abundante, barata e de baixo carbono, mas o problema é abandonar agora os combustíveis fósseis. Outro grande desafio, sobretudo com o calor, é a adaptação. Como é que Lisboa vai ser diferente? Como é que estes edifícios antigos que não têm ar condicionado, que não foram construídos para temperaturas extremas, vão resistir ao calor, aos incêndios florestais, ao fumo dos incêndios florestais, à inflamabilidade de um mundo mais quente. Como é que vamos lidar com o calor como uma força predatória? O calor vai refletir-se primeiro nas pessoas mais vulneráveis. Os seus carros e conduzir para outro lugar ou apanhar um avião. O dinheiro pode não garantir um salvo-conduto para escapar às alterações climáticas, mas de facto ajuda, sem dúvida.

**Escreve sobre alterações climáticas há 25 anos. Imagino que muitas pessoas cheguem ao pé de si a perguntar o que podem fazer para ajudar o ambiente. O que lhes diz?**

Garantam que Trump não é eleito! [risos] O que podemos fazer são coisas óbvias. A maioria das pessoas sabe o básico que deve fazer para reduzir o carbono: se conduzir, compre um carro elétrico, se puder, ande de bicicleta, pois todas essas coisas servem para reduzir a sua pegada de carbono. Mas, em última análise, tudo se resume à política. Tudo se resume a eleger



**O CALOR É QUE TE VAI MATAR**

Jeff Goodell

Lua de Papel  
384 páginas

líderes que compreendam isto, que possam afastar-se ainda mais dos combustíveis fósseis. Os subsídios, pelo menos nos EUA, são um problema enorme. O governo dá muito dinheiro. As energias renováveis estão a acontecer muito rapidamente, mas ainda queimamos muitos combustíveis fósseis, e isso deve-se às proteções governamentais à indústria. Em última análise, acho que a solução é política: é colocar no poder pessoas que entendam isso, sendo localmente ativas no terreno, com as escolas, com os líderes locais da cidade, e falando realmente sobre isso. E também é essencial educar-se, quer seja lendo o meu livro ou livros de outras pessoas, porque há muita desinformação por aí. O meu livro é um exemplo de como as pessoas podem ser ignorantes. Eu era ignorante. É um problema complicado, na medida em que implica uma mudança nas nossas vidas. E estes dois aspetos – educarmo-nos mais sobre as escolhas que temos e colocar os políticos certos no poder – são as grandes alavancas.

**Os EUA têm eleições em novembro. Ser Kamala ou Trump a vencer vai ter um enorme impacto no ambiente? Disse há pouco para não elegerem Trump...**

Vai ter um enorme impacto. Trump é direta e deliberadamente estúpido em relação ao clima, porque está envolvido com a indústria dos combustíveis fósseis, que o apoia. A opinião dele sobre o ambiente é uma farsa, mas é clara e direta: não tomará qualquer medida. Então, sim, é uma eleição com muitas consequências nos EUA. Contudo, penso que o que é realmente importante é que esta transição esteja a acontecer. E se Trump for eleito, Deus nos livre, isso não vai impedir a transição. Vai desacelerá-la, vai mudar um pouco o rumo, mas a transição dos combustíveis fósseis para energias mais limpas é como a transição do óleo de baleia para o petróleo no século XIX. Irá acontecer, já está a acontecer. Trump não vai impedir isso porque a economia está muito melhor, tanto a economia dos carros elétricos como a da energia solar. Portanto, sim, ele terá impacto na trajetória. E, dada a rapidez com que as coisas estão a mudar no mundo físico, precisamos de acelerar a transição, por isso é mau. Mas Trump não a irá parar. Nos EUA, os republicanos têm tradicionalmente feito o máximo na conservação e na energia limpa. Têm sido líderes nisso. Não é uma

questão partidária. Leis ambientais importantes dos EUA foram feitas por republicanos. Quero enfatizar isso para que o que digo não pareça uma questão de democratas *versus* republicanos. Tradicionalmente, os republicanos têm sido muito melhores nesta questão do que os democratas.

**Quando pensamos em muitos países em desenvolvimento em África ou na Ásia, a preocupação ambiental de um líder dificilmente resiste se tiver de competir com a necessidade de desenvolver o país ou alimentar a população? Se tiver de usar combustíveis fósseis para isso, provavelmente vai usá-los...**

Certo, e isso é uma questão difícil. Claro que há a questão do desmatamento da Amazônia, há todo o tipo de questões ambientais e climáticas no mundo em desenvolvimento. Mas o facto fundamental é que as alterações climáticas são um problema do mundo ocidental rico, um problema de consumo. Para os 1% mais ricos da população as suas emissões são iguais às dos 50% ou 60% mais pobres. É sobre pessoas ricas que vivem vidas consumistas. São essas que estão a causar o problema. Mas são as do mundo em desenvolvimento que muitas vezes sofrem com isso. Nos países ricos do Ocidente temos muitas opções para nos adaptarmos. Mas no mundo em desenvolvimento... Estive na Índia este ano, não há muito dinheiro disponível para instalar ar condicionado, reconstruir casas, alterar códigos de construção, mas eles estão a sofrer com as nossas emissões. Isto remete para questões de justiça, e esse é o cerne da luta climática – o que é que as nações ricas que causam este problema devem às nações pobres que estão a sofrer? É a dinâmica essencial de todas as conferências da ONU sobre o clima.

**As alterações climáticas são um tema que diz muito às novas gerações. Isso é positivo. Mas vemos grupos de jovens a lançar tinta sobre edifícios ou obras de arte em protesto. Que efeito têm atos como estes? Beneficiam ou são contraproducentes?**

Não sou grande fã de lançar tinta a obras de arte ou de pintar Stonehenge de laranja ou coisas assim. Acredito que há um papel para a ação direta. Tivemos a luta pelos direitos civis nos EUA e o movimento antinuclear, que mostraram o poder desse ativismo. Mas não sou um ativista político,

sou um jornalista, e não acho que lançar tinta sobre obras de arte vá ajudar a criar um movimento maior. Mas fico surpreso por não haver mais ativismo nas ruas. Há uns anos saiu um livro muito popular, até foi feito um filme, chamava-se *How to Blow Up a Pipeline?* [Como rebentar com um oleoduto?]. Uma ideia muito controversa, mas nos EUA, durante o movimento ambientalista dos anos 70, havia muito disso. O problema é que não há aqui um líder. Até precisávamos que houvesse uma figura como Martin Luther King na luta pelo ambiente. O Movimento pelos Direitos Civis mostrou a tensão entre as duas alas do movimento. Havia o lado de Luther King, que marchava e protestava pacificamente, e havia o lado de Malcolm X, que tinha ações muito mais violentas. Provavelmente vamos voltar a ver isso. Não posso apoiar pessoas que andam a atirar tinta a obras de arte – a minha mulher até tem uma galeria de arte –, mas parece-me inevitável que os protestos se tornem mais imprevisíveis.

**Portugal tem investido muito em energias renováveis. Poderá ser um exemplo para o mundo nesta matéria?**

Completamente. É espantoso, porque vocês passaram seis dias apenas com energias renováveis! Foi um processo impressionante e um bom exemplo desta revolução de que temos estado a falar. Portugal está bem posicionado para liderar nessa área porque tem sol, tem vento e tem mar. Mas é um sítio muito vulnerável por causa do calor, dos fogos, da subida do nível do mar. Portugal tem muito em jogo. Lisboa, tal como Paris e outras cidades, como Austin, onde vivo, vão precisar de ser reimaginadas. Com a subida do nível do mar, com o calor extremo, nos próximos 20 anos Lisboa irá ficar muito diferente. Vai ser muito mais quente, os mares vão subir e os incêndios continuarão, mas é uma oportunidade para agir. Estive há pouco em Paris e a presidente da Câmara, Anne Hidalgo, tem sido incrível, pois tem impulsionado grandes mudanças, desde nadar no Sena até às restrições de veículos no centro da cidade, árvores por todo o lado, reimaginar os Champs-Élysées. É o tipo de liderança que é necessário. Paris pode ser uma cidade melhor e Lisboa também pode. Mas não será a mesma cidade, porque é um mundo diferente. E não iremos voltar atrás.



## LIVROS DA SEMANA

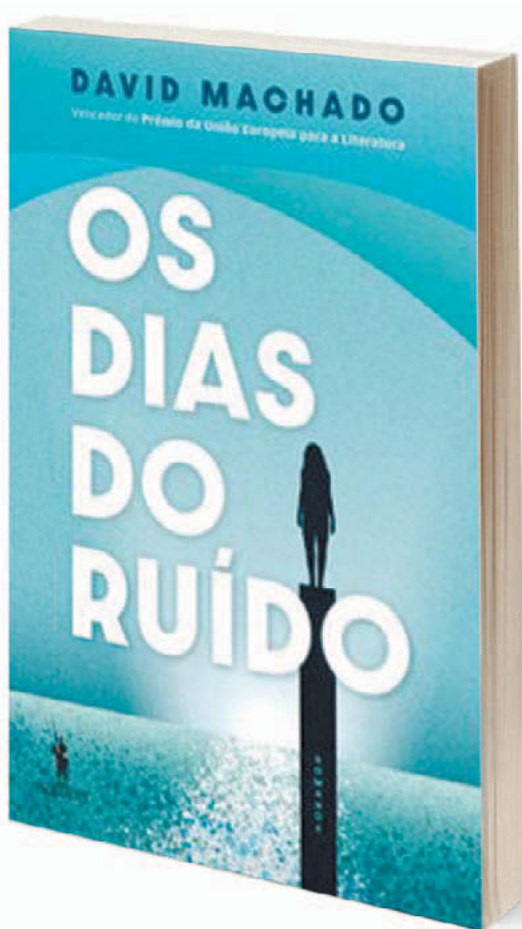
# Ser uma escritora famosa por matar um terrorista

Um novo romance de David Machado, muito contemporâneo e global.

TEXTO JOÃO CÉU E SILVA

**D**epois de vários prêmios, entre os quais o da União Europeia para a Literatura, e de traduções para mais de 20 países, David Machado (n. 1978) chega às livrarias com um novo romance: *Os Dias do Ruído*. Um livro com uma capa que transmite tranquilidade, mas cujo interior é tudo menos isso, pois a história tem como base a morte de um terrorista pela protagonista. Um ato que acontece em Paris, cenário alargado a muitos outros países, sem esquecer um elo nacional que liga a narrativa a Portugal, mais concretamente a Peniche, terra natal de Laura. A narrativa nunca amortece e, conforme avança, o leitor é surpreendido pelos acontecimentos que decorrem em função da situação que a catapulta para uma fama mundial.

Não é por acaso que a protagonista viaja pelo mundo em múltiplas apresentações e entrevistas a propósito do livro que escreveu sobre o que lhe aconteceu e que mantém essa referência ao país de origem, garante David Machado: “Para qualquer ser humano, essa ligação a casa e às origens é muito importante.” Ressalta que esse sentimento se torna mais forte para os portugueses: “Há a questão da ‘saúde’, claro. E o facto de, historicamente, sermos um povo acostumado a viajar, a emigrar e a partir em busca de melhores oportunidades.” É o caso do próprio autor, como refere: “Viajo bastante e nessas andanças já conheci muitos portugueses espalhados pelo mundo e todos falam de Portugal e de casa com um afeto emocionado. A Laura não é diferente, por causa de tudo o que ela viveu – ter sido repórter de guerra, o divórcio, ter matado o terrorista, a fama. Talvez essa ligação a casa seja a única coisa certa na sua vida, a única



**OS DIAS DO RUÍDO**  
David Machado  
D. Quixote  
260 páginas



**O novo romance de David Machado confirma como Paris e o ódio se tornaram inseparáveis.**

fração da sua identidade da qual ela se sente segura.”

Se *Os Dias do Ruído* mantém essa particularidade do elo nacional, o leitor confronta-se também com o outro lado da moeda, o mundo atual, mais globalizado do que nunca, sus-

tentado nas redes sociais que estão bem presentes na elaboração da história. Pergunta-se a David Machado se hoje é possível fugir a esse cenário da Internet e o que responde é que “não é impossível contar uma história sem incluir as redes sociais, mesmo que estas façam uma parte importante daquilo que os seres humanos são hoje”. O autor acrescenta uma realidade: “Claro que a nossa identidade sempre foi em certa medida definida a partir da forma como os outros nos veem, o que torna inevitável uma construção daquilo que somos em público. No caso das redes sociais, estas exacerbam tudo ao ponto de, em muitos

casos, essa construção se tornar quase completamente uma ficção. Daí que do ponto de vista da literatura essa manipulação da identidade seja muito fascinante.” E conclui: “No mundo virtual todos somos ficcionistas, escrevendo e reescrevendo, inventando, editando, não apenas a nossa vida, mas também as dos outros, através de comentários, ‘gostos’ ou filtros.”

A interação entre as redes sociais e a verdadeira identidade de cada um reflete-se em muito na protagonista, que acaba por se confrontar com construções inesperadas sobre si, situação que se pode entender numa confissão que faz: “Como é que o mundo inteiro já sabe quem eu sou se eu própria não sei?” Questiona-se se será ingenuidade da protagonista ou uma espécie de arrependimento pelo que posta nas redes sociais: “As redes sociais providenciam sentenças, juízos e narrativas à velocidade da luz. No mundo virtual não existem dúvidas ou sequer hesitações, não há espaço nem tempo para se ensaiarem teses e teorias. A certeza, mesmo que sem fundamento ou irrefletida, será sempre mais celebrada pelo algoritmo. Laura matou um homem, um terrorista, e por causa disso é imediatamente idolatrada e admirada por milhões de pessoas em todo o planeta, a sua vida passa a ser definida à luz desse acontecimento. Porém, dentro dela esse acontecimento é demasiado avassalador, cheio de complexidades e contradições, uma equação que nunca dará conta certa. Por outras palavras, aquilo que somos nas redes sociais será sempre uma personagem bidimensional, carecendo da nossa real profundidade e complexidade, e por isso tão fácil de ser julgada.”

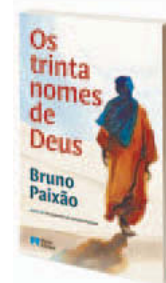
## LANÇAMENTOS



**AMARELO TANGO**  
Nicolau Santos  
Oficina do Livro  
284 páginas

## MEMÓRIA DE UMA ÁFRICA

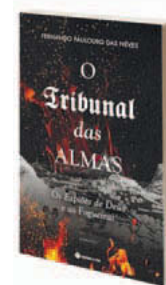
O segredo principal deste livro tem a cor do título do romance, mas não fica por aqui a fórmula literária que o autor, o jornalista Nicolau Santos, utilizou para seduzir os leitores numa história que se situa na maior parte em Angola e num passado que ainda ecoa nos ouvidos portugueses. Apesar de ser o seu primeiro romance, a estrutura da narrativa, os diálogos escorreitos, a História passada a pente fino e os acontecimentos que balizam as vidas dos personagens são certos.



**OS TRINTA NOMES DE DEUS**  
Bruno Paixão  
Porto Editora  
333 páginas

## MEMÓRIA DE UMA PEREGRINAÇÃO

É o segundo romance de Bruno Paixão, desta vez num cenário mais distante e que questiona sobre uma tese: “Imagine um Jesus nascido nesta era, criança curiosa e filha de mãe solteira, praticante de uma fé que se afigura ambígua.” O percurso de vida e de perguntas vai ser longo, confrontando o leitor com as suas certezas e impondo dúvidas, ultrapassando dunas e vilarejos, até questionando assuntos de física quântica, entre muitas outras interrogações.



**O TRIBUNAL DAS ALMAS**  
Fernando Palouro das Neves  
Guerra & Paz  
287 páginas

## MEMÓRIA DE UM ANTEPASSADO

Após vários livros em diversos registos, Fernando Palouro das Neves avança sobre um tema histórico preciso: o auto de fé de 29 de setembro de 1747. O protagonista da narrativa é Martinho Pessoa, um antepassado do poeta, que sofre com a violência da Inquisição e vê destruída a sua vida por essa instituição. O relato do que acontece ao próprio, bem como a outros, e o estado de sítio em que muitos viveram durante séculos podem ser sintetizados nesta frase: “Sabia desde Abril que ia ser queimado.”





**Opinião**  
**José Manuel**  
**Maia**

## De Oleiros ao Tibete: a viagem de António de Andrade em 1624

**E**m 1624, o jesuíta português António de Andrade tornou-se o primeiro europeu a visitar o Tibete Ocidental.

Quatrocentos anos depois desse acontecimento, esse facto ainda é pouco divulgado, porque a expansão portuguesa ainda é valorizada essencialmente na sua componente marítima, que levou as naus portuguesas por “mares nunca de antes navegados” a passar para “além da Taprobana”.

Nascido no ano de 1580 em Oleiros, no distrito de Castelo Branco, ficou imortalizado por ter percorrido as regiões localizadas no Norte da península do Hindustão, que eram desconhecidas dos europeus, vencendo com enorme sacrifício e muita coragem não só os climas rigorosos dos desertos estéreis e gelados que atravessou, como também a confiança das populações que contactou nas suas viagens.

A epopeia de António de Andrade iniciou-se com a viagem marítima de Lisboa até Goa, a bordo da nau *S. Valentim*, que naquela época era em si mesmo uma aventura. Depois, quando estava na “Goa Dourada”, surgiu a vontade e o desafio de descobrir uma terra distante, encravada nas montanhas entre a Índia e a China, e, por via terrestre, largou de Goa e caminhou para norte, atravessando o subcontinente indiano. Por duas vezes (1624 e 1625) dirigiu-se a Tsaparang, no reino de Guge (Tibete Ocidental), o que fez dele um exemplo de coragem, tenacidade e superação. Com os conhecimentos em navegação astronómica adquiridos na Aula da Esfera, do Colégio de Santo Antão (em Lisboa), munido de um astrolábio e de um compasso de sol, desbravou horizontes e novos conhecimentos em variados

domínios científicos, o que teve um indiscutível impacto cultural na Europa do século XVII e ajudou a imortalizar o seu nome como um dos maiores portugueses da história dos Descobrimentos.

A região do Tibete já era conhecida no imaginário europeu, embora de uma maneira muito vaga e nunca tivesse sido visitada, havendo a convicção de que nela existiam cristãos. Este rumor conduziu o jesuíta António de Andrade a uma viagem aventureira que cruzou a cordilheira dos Himalaias em direção às nascentes do rio Ganges, para depois entrar no Tibete, a fim de estabelecer acordos e relações amistosas com o rei de Guge e uma possível autorização para a fundação de uma missão católica.

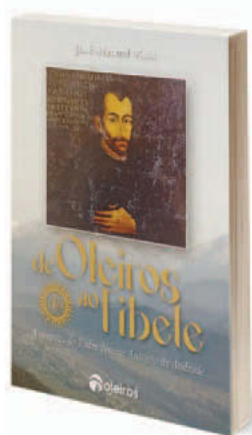
Esta viagem, que ficou registada numa carta do próprio in-

titulada *Viagens na Ásia Central em Demanda do Cataio*, em 1624, inclui-se no contexto da expansão dos missionários europeus pelas regiões orientais, tendo-se tornado muito popular em toda a Europa.

Além disso, as cartas escritas pelo missionário jesuíta, para além de constituírem uma narrativa da viagem histórica que atravessou uma das mais altas cordilheiras montanhosas do mundo, num caminho até um reino então totalmente desconhecido, permitiram obter informações essenciais sobre a etnografia, o clima, a fauna e a hidrografia de um dos mais importantes rios do mundo, possibilitando aos europeus uma leitura mais fácil e mais esclarecedora dos limites da fronteira com a China.

O padre António de Andrade acabou por morrer prematuramente, em 19 de março de 1634, enquanto reitor do colégio onde muitos dos jesuítas que serviam no Oriente recebiam a sua formação, misteriosamente envenenado enquanto se preparava para voltar ao Tibete. Deixou nas suas cartas um precioso registo histórico, cultural, religioso e geográfico, que marcou o início do contacto entre o Ocidente e o povo tibetano. Para além de corajoso explorador e de ardente missionário, são muitos os adjetivos que descrevem a figura deste jesuíta.

António de Andrade deve ser retirado do esquecimento, assim como a sua obra deve ser aproveitada como documento fundamental para estudo das relações históricas e culturais com o Tibete.



“

**António de**  
**Andrade deve**  
**ser retirado do**  
**esquecimento.**

*Mestre em História Marítima, FLUL/EN e autor de De Oleiros ao Tibete.*



**Opinião**  
**Amélia P.**  
**Hutchinson**

## Sob a égide de Fernão Lopes

**N**a realidade, o título acima pertence ao colóquio sobre Lisboa, a cidade de Fernão Lopes, que se irá realizar na Torre do Tombo, dia 12 de setembro, das 14h30 às 18h00.

O subtítulo, “Entre a ‘sua’ cidade e a sua obra traduzida para inglês”, aponta para a apresentação da primeira tradução completa das obras atribuídas a um dos maiores cronistas europeus, o nosso Fernão Lopes.

Nunca é demais referir a importância da sua narrativa, desde os factos aí registados a documentos cujo significado e validade se mantêm, tais como o Tratado de Windsor (1386), considerado o mais antigo a vigorar em todo o mundo. Mas há mais: a mulher medieval, que durante séculos parecia viver na sombra, aparece frequentemente em primeiro plano em Fernão Lopes. O mesmo acontece com o povo miúdo, figura coletiva de pano de fundo nas obras de outros autores, aqui, frequentemente, salta para primeiro plano, mas não vem só – é retratado nos seus momentos tanto de glória como de sofrimento, raiva, frustração, medo, mas sempre de luta pela sobrevivência. Lopes transmite-nos em todo o seu complexo pormenor o universo da corte portuguesa, das caçadas, da diplomacia, das guerras, das pestes, das vicissitudes da economia, incluindo as moedas em circulação e seus valores relativos.

É isso que o distingue de outros cronistas, mas, como se não fosse bastante, toda essa informação é apresentada com o tratamento e intencionalidade de mestre nas artes literárias – como que um excelsional autor de ficção histórica, só que o enredo já está delineado, mas é seu mester descobri-lo na documentação disponível e dar-lhe forma artística.

Talvez por isso fique tão vincado no nosso subconsciente desde

os bancos do ensino secundário. É nas suas crónicas que se observa a verdadeira consciencialização de uma identidade nacional através da rebelião de 1383-1385 e da batalha real no Campo de S. Jorge, em Aljubarrota.

É difícil escapar à marca que deixou na nossa memória cada vez que olhamos para o Castelo de São Jorge, seu local de trabalho, coroando a “sua”, e nossa, cidade. E se lá subimos, olhamos das muralhas para o Tejo e imaginamos a angústia de ver a frota castelhana durante o cerco de 1384. A caminho da Faculdade de Letras depara-se-nos a nova Torre do Tombo, guardiã dos seus autógrafos. No Museu do Dinheiro encontra-se um exemplar da belíssima “dobra pé-terra” em ouro cunhada a mando de D. Fernando, representando-se como rei guerreiro, em pé, de espada em punho. O Rossio da sua época ainda é o coração de Lisboa, mas ROSSIO é agora a designação da infraestrutura da FCSH/NOVA, que, como uma invisível praça digital, oferece acesso aberto a uma miríade de *sites* de investigação em Ciências Sociais, Artes e Humanidades. Entre eles destaca-se o Fernão Lopes Portal ([fernaolopes.fcsch.unl.pt](http://fernaolopes.fcsch.unl.pt)), pertença do Instituto de Estudos Medievais, oferecendo apoio à leitura da obra do cronista por estrangeiros e nacionais.

O portal foi desenvolvido durante o projeto de tradução que levou à primeira edição completa das obras de Fernão Lopes em inglês, *The Chronicles of Fernão Lopes* (Boydell/Tamesis, 2023), à qual o título acima se refere. E assim fechamos o presente círculo da dita “égide”, tomada como esfera de ação e de influência de Fernão Lopes. Não perca!

*Curadora do Fernão Lopes Portal - IEM - NOVA FCSH.*



# emprego

## NOVA NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de Professores para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

<https://www.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe>

### » Referência NOVASBE/PRD013/2024

– 1 Lugar na carreira/categoria de Professor Catedrático, em regime de direito privado, na área disciplinar de Finanças/Banking.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 15 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

## NOVA NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de Professores para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

<https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe>

» Referência NOVASBE.CT-DIR.89.2024 – 1 Dirigente Intermédio 1.º Grau para exercer funções na área de Recursos Humanos na NOVA SBE, em regime de contrato de comissão de serviço.

» Referência NOVASBE/CT-90/2024 – 1 Técnico Superior para exercer funções na área de Docência e Investigação na NOVASBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.

» Referência NOVASBE.CT.91 – 1 Técnico Superior para exercer funções na área de Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.

O prazo-limite para submissão de candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.



## Recrutamento de quadros para a AMT

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- ♾ Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;
- ♾ Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;
- ♾ Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;
- ♾ Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em [www.bep.pt](http://www.bep.pt) e em [www.amt-autoridade.pt](http://www.amt-autoridade.pt).



emprego

CALL CENTER

**800 241 241**  
CHAMADA GRATUITA

ANUNCIAR



FÁCIL

OFEREÇA UMA  
PRIMEIRA PÁGINA

DE ARQUIVO  
OU  
PERSONALIZADA

E-mail:  
paginas@dn.pt  
ou ligue  
213 187 562



avisos, tribunais  
e conservatórias



**AJAMPS** ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS  
AGRICULTORES DA MADEIRA  
E PORTO SANTO

### CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 14 do Regulamento Interno, convoco Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Jovens Agricultores da Madeira e do Porto Santo para o próximo dia 16 de setembro de 2024, pelas 17.30 horas, na Sede da AJAMPS, ao Caminho das Voltas, 17 – Jardim Botânico, 9060-329 FUNCHAL, com a seguinte

#### ORDEM DE TRABALHOS

1. Leitura e aprovação da ata da última Assembleia Geral.
2. Análise e aprovação do Relatório e Contas do Exercício de 2023.
3. Outros assuntos de interesse.

Mais informo que os documentos estão à disposição para consulta dos Associados na Sede da AJAMPS.

Funchal, 30 de agosto de 2024

**O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL**  
Oswaldo Fernandes da Silva



**AMADORA**  
Câmara Municipal

## EXUMAÇÕES A REALIZAR NO CEMITÉRIO MUNICIPAL NO ANO 2025

VÍTOR MANUEL TORRES FERREIRA, Presidente da Câmara Municipal da Amadora, faz público que, nos termos dos n.º 1 e n.º 2, do artigo 21.º, do Decreto-Lei n.º 411/98, de 30 de dezembro, decorrido o tempo legal de inumação previsto nos referidos artigos, proceder-se-á à exumação das sepulturas no Cemitério Municipal.

Para o efeito, os interessados devem consultar a lista de sepulturas que se encontram nesta situação em [www.cm-amadora.pt/pt/ceimiterio](http://www.cm-amadora.pt/pt/ceimiterio).

A data exata da exumação será comunicada, via postal, para as moradas constantes nos registos da Secretaria do Cemitério Municipal da Amadora.

Amadora, 9 de setembro de 2024

**O Presidente da Câmara Municipal da Amadora**  
Vitor Ferreira

Procure bons negócios  
no sítio certo.

**classificados.dn.pt**

EM PAPEL E NO DIGITAL.



**Diário de Notícias**

O ESSENCIAL DA INFORMAÇÃO, TODOS OS DIAS EM BANCA



100% ÚTIL

# Men's Health

MANTENHA-SE EM FORMA!



ASSINE A MEN'S HEALTH  
PAPEL+DIGITAL  
POR APENAS ~~43,20€~~  
**29,90 € / 12 EDIÇÕES**

LIGUE **219249999**



A ASSINATURA INCLUI A VERSÃO IMPRESSA E A VERSÃO DIGITAL. VALORES COM IVA INCLUIDO. CAMPANHA VÁLIDA PARA PORTUGAL ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 2024. NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS EM VIGOR. VALOR DA ASSINATURA NÃO REEMBOLSÁVEL. PARA MAIS INFORMAÇÕES: ASSINATURAS.QUIOSQUEGM.PT | APOIOCLIENTE@NOTICIASDIRECT.PT | 219249999 (DIAS ÚTEIS DAS 8H00 ÀS 18H00 - CHAMADA PARA A REDE FIXA NACIONAL).



menshealthportugal



@menshealthportugal

**menshealth.pt**



# SEP

SINDICATO DOS ENFERMEIROS PORTUGUESES

[www.sep.org.pt](http://www.sep.org.pt)

SEDE  
Av.º 24 julho, 132  
1350 346 LISBOA  
Tel: 213 920 350 - Fax: 213 968 202  
sede@sep.pt  
CDI  
Av. 24 de Julho, 132, 1.º  
pedidos.cdi@sep.pt



## AVISO PRÉVIO DE GREVE

### GREVE NACIONAL DE ENFERMAGEM

Dias 24 e 25 de setembro de 2024

[Turnos: Manhã e Tarde (24) e Noite, Manhã e Tarde (25)]

#### I – DECLARAÇÃO DE GREVE

A Direção do SEP – Sindicato dos Enfermeiros Portugueses – ao abrigo e nos termos do art.º 57.º, n.ºs 1 e 2, da Constituição da República Portuguesa, dos art.ºs 394.º, n.º 1, e 395.º, primeiro segmento, da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, e dos art.ºs 530.º, n.º 1 e 2, e 531.º, n.º 1, do Código do Trabalho, em leitura harmoniosamente conjugada – **DECLARA GREVE**, no âmbito (territorial, institucional e pessoal) abaixo identificado, **para os dias 24 e 25 de setembro de 2024**, com início às 08h00 do dia 24 e término às 24h00 do dia 25 de setembro (ou seja, os turnos da Manhã e da Tarde de dia 24 e os turnos da Noite, Manhã e Tarde de dia 25, todos estes quando os hajam, mas, em todo e qualquer caso, só no “período de trabalho programa”), sob a forma de paralisação total do trabalho (sendo, no entanto, assegurada a prestação dos serviços mínimos indispensáveis para ocorrer à satisfação de “necessidades sociais impreteríveis”, nos termos adiante expostos).

#### II – ENTIDADES DESTINATÁRIAS

- 1 – Primeiro-Ministro; Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros; Ministro de Estado e das Finanças; Ministro da Presidência; Ministro Adjunto e da Coesão Territorial; Ministra da Saúde; Ministro da Economia; Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social; Ministro da Defesa Nacional; Ministra da Justiça; Ministro da Educação, Ciência e Inovação e todos os demais Ministros e membros do Governo da República;
- 2 – **DIRETOR EXECUTIVO** (da Direção Executiva) do **Serviço Nacional de Saúde** [porque legalmente competente para representar o Serviço Nacional de Saúde, vinculando-o];
- 2.1 – Entidades Empregadoras: Administrações Regionais de Saúde; Entidades Públicas Empresariais da Saúde, E.P.E.; Hospital Cascais Dr. José de Almeida / Grupo Ribera Salud, e, bem assim, todos os Institutos Públicos e demais Entidades, Serviços e Organismos do Setor Público da Saúde (personalizados ou não) que tenham enfermeiros ao seu serviço, independentemente do “regime” de prestação do trabalho;
- 3 – Presidente do Governo Regional dos Açores, Secretário Regional da Saúde e Desporto e todos os demais membros do Governo Regional;
- 4 – Todas as Entidades Empregadoras Públicas de Saúde da Região Autónoma dos Açores e, bem assim, todas as demais Entidades, Serviços e Organismos do Setor Público Regional da Saúde (personalizados ou não) que tenham enfermeiros ao seu serviço, independentemente do “regime” de prestação do trabalho.

#### III – OBJETIVOS DA GREVE

Os Enfermeiros exigem e lutam, designadamente:

##### A – Carreira de Enfermagem

- Alteração da grelha salarial da Carreira de Enfermagem:
  - o Valorização de todos os Níveis Remuneratórios de todas as Posições Remuneratórias, tendo em consideração a equidade com as Carreiras de Técnico Superior da Administração Pública e de outros Profissionais de Saúde e a penosidade e risco da profissão;
  - o Diminuição do número de Posições Remuneratórias e aumento do leque salarial entre Posições;
- Transição para a categoria de Enfermeiro Especialista de todos os enfermeiros que, a 31 de maio de 2019, detinham o título de Enfermeiro Especialista;
- Que os enfermeiros posicionados em “posições virtuais”, sejam colocados em posições definitivas da carreira e correção de outras injustiças;
- Que o reposicionamento remuneratório decorrente da transição de Carreira tenha tradução em acréscimo salarial para todos os enfermeiros;
- Compensação do Risco e a Penosidade inerente à Profissão, nomeadamente através de condições especiais para a aposentação (aposentação mais cedo) e valorização do trabalho a turnos;

##### B – Contagem de Pontos

- Pagamento dos retroativos desde 2018 e correção de todas as injustiças relativas.

##### C – Outros aspetos constantes do Caderno reivindicativo, nomeadamente:

- Harmonização do número anual de dias de férias entre todos os enfermeiros, pelo número de dias dos detentores de Contrato de Trabalho em Funções Públicas;
- Regularização das situações de inadequado vínculo precário e admissão de mais enfermeiros com contratos definitivos;
- Pagamento da totalidade do trabalho extraordinário em dívida.

#### IV – SERVIÇOS MÍNIMOS INDISPENSÁVEIS PARA OCORRER A NECESSIDADES SOCIAIS IMPRETERÍVEIS (são aqui dados por sabidos, os conceitos de “mínimo”, de “indispensável”, de “necessidade social” e de “impreterível”)

#### V – A NOSSA PROPOSTA NEGOCIAL

- 1 – **Serviços abrangidos:** Os que constam do aviso prévio.
- 2 – **Objetivos da greve:** Os que constam do aviso prévio.
- 3 – **Pessoal abrangido:** O que consta do aviso prévio.
- 4 – **Período de greve:** O que consta do aviso prévio.
- 5 – **Exercício do Direito à Greve:** A adesão à greve manifesta-se pela não assinatura do livro do ponto, pela não marcação no relógio de ponto ou em qualquer outro meio mecânico de controlo da assiduidade e da pontualidade.
- 6 – **Rendições de turno:** Os grevistas não têm o dever legal de render não aderentes, findo o turno destes.
- 7 – **Grevistas na prestação de “serviços mínimos”:** Têm, legalmente, direito ao respetivo estatuto remuneratório.
- 8 – **Piquete de greve**
  - 8.1 – Os grevistas acordarão entre si quem permanecerá no serviço para ocorrer a situações impreteríveis, constituindo-se em “Piquete de Greve”.
  - 8.2 – O piquete de greve tem direito a instalação em local conhecido de todos os enfermeiros, com telefone à disposição.
- 9 – **Compensações**
  - 9.1 – Nos serviços que encerram ao sábado e/ou domingo e, bem assim, os que não funcionam 24h00 dia os profissionais de enfermagem não têm o dever legal de comparecer ao serviço.
  - 9.2 – Nos serviços em que o número de não aderentes for igual ou superior para assegurar os serviços mínimos indispensáveis, os grevistas podem abandonar o local de trabalho.
  - 9.3 – Excetuam-se os profissionais de enfermagem que deverão integrar o piquete de greve.
- 10 – **Serviços mínimos:** Os cuidados de enfermagem a prestar em situações impreteríveis.
- 11 – **Cuidados de enfermagem que devem ser prestados:**
  - i) Em situações de urgência nas unidades de atendimento permanentes que funcionam vinte e quatro horas por dia;
  - ii) Nos serviços de internamento que também funcionam vinte e quatro horas por dia;
  - iii) Nos cuidados intensivos;
  - iv) No bloco operatório – com exceção dos blocos operatórios de cirurgia programada;
  - v) Na urgência;
  - vi) Na hemodialise;
  - vii) Nos tratamentos oncológicos.
- 12 – **Serviços mínimos de tratamento oncológico**
  - a) A realização de intervenções cirúrgicas ou início de tratamento não cirúrgico (radioterapia ou quimioterapia), em doenças oncológicas de novo, classificadas como de nível de prioridade 4, nos termos da Portaria n.º 153/2017, de 4 de maio;
  - b) A realização de intervenções cirúrgicas em doenças oncológicas de novo, classificadas como de nível de prioridade 3, nos termos da Portaria n.º 153/2017, de 4 de maio, quando exista determinação médica no sentido da realização dessa cirurgia e, comprovadamente, não seja possível a reprogramação da cirurgia nos 15 dias seguintes ao anúncio da greve;
  - c) A continuidade de tratamentos programados em curso, tais como programas terapêuticos de quimioterapia e de radioterapia, através da realização das sessões de tratamento planeadas, bem como tratamentos com prescrição diária em regime ambulatorial (por exemplo, antibiótica ou pensos).
- 12.1 – **Outras situações, designadamente cirurgias programadas sem o carácter de prioridade enunciado:**
  - Devem ser consideradas de acordo com o plano de contingência das instituições para situações equiparáveis, designadamente:
    - a) Tolerância de ponto – anunciadas frequentemente com pouca antecedência;
    - b) Cancelamento de cirurgias no próprio dia – por inviabilidade de as efetuar no horário normal de atividade do pessoal ou do bloco operatório.
- 13 – **“Hospital de Dia”:** Não é necessária a prestação de serviços mínimos adicionais (estão satisfeitas as exigências de urgência e os casos especialmente graves em matéria oncológica).
- 14 – **Pessoal de enfermagem para prestação de serviços mínimos indispensáveis**
  - 14.1 – **Número** de profissionais de enfermagem igual ao do turno da noite, no horário aprovado à data do anúncio da greve.
  - 14.2 – O número referido é acrescido dos seguintes meios adicionais, referentes ao bloco operatório para cirurgia de oncologia:
    - a) 3 profissionais de enfermagem (1 instrumentista, 1 de anestesia e 1 circulante) no bloco operatório. E,
    - b) 1 profissional de enfermagem a assegurar o recobro.

#### VI – LICITUDE DO RECURSO AO TRABALHO DOS ADERENTES À GREVE

Só é lícito o recurso ao trabalho dos aderentes à greve quando a prestação de serviços mínimos indispensáveis para ocorrer à satisfação de necessidades sociais impreteríveis não possa ser assegurada por profissionais de enfermagem disponíveis, não aderentes, detentores de qualificação profissional adequada para a prestação de cuidados de enfermagem.

#### VII – SEGURANÇA E MANUTENÇÃO DO EQUIPAMENTO E INSTALAÇÕES

- \* A “segurança e manutenção do equipamento e instalações” é matéria alheia às legais “competências funcionais” do pessoal de enfermagem. Sendo certo que,
- \* Existe mesmo “corpo” profissional a quem tal está cometido. De todo o modo,
- \* O pessoal de enfermagem, como sempre o faz, assegurará a praticabilidade funcional do “instrumentalmente” necessário para o seu desempenho profissional, no quadro da prestação dos “serviços mínimos indispensáveis”.

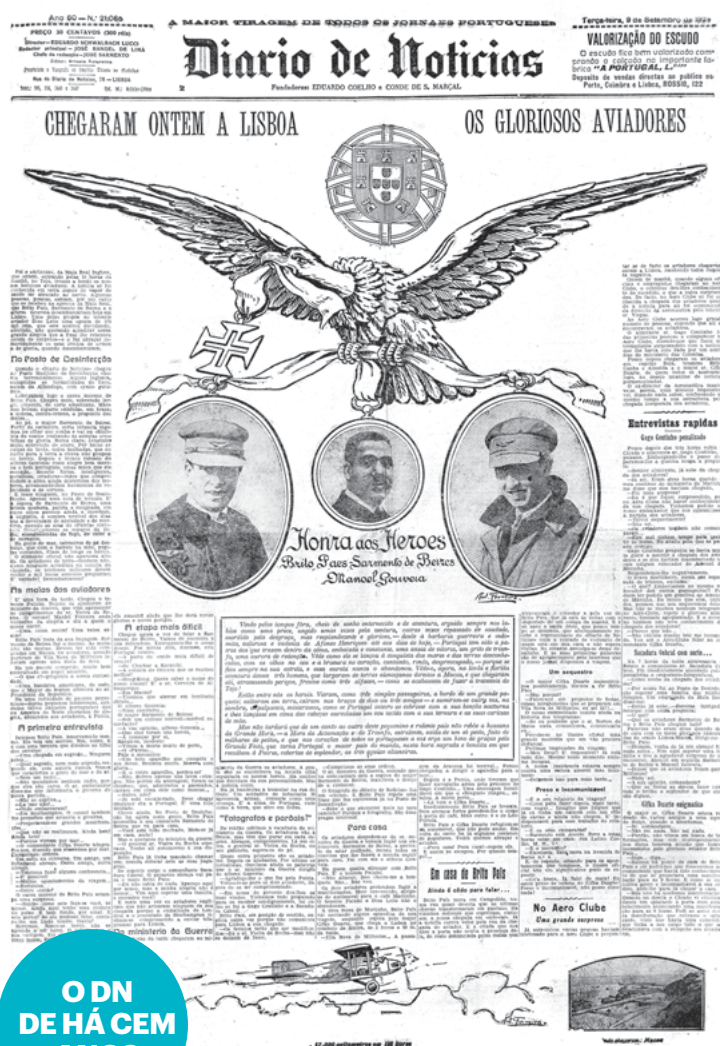
Lisboa, 6 de setembro de 2024

Pe’ A DIREÇÃO

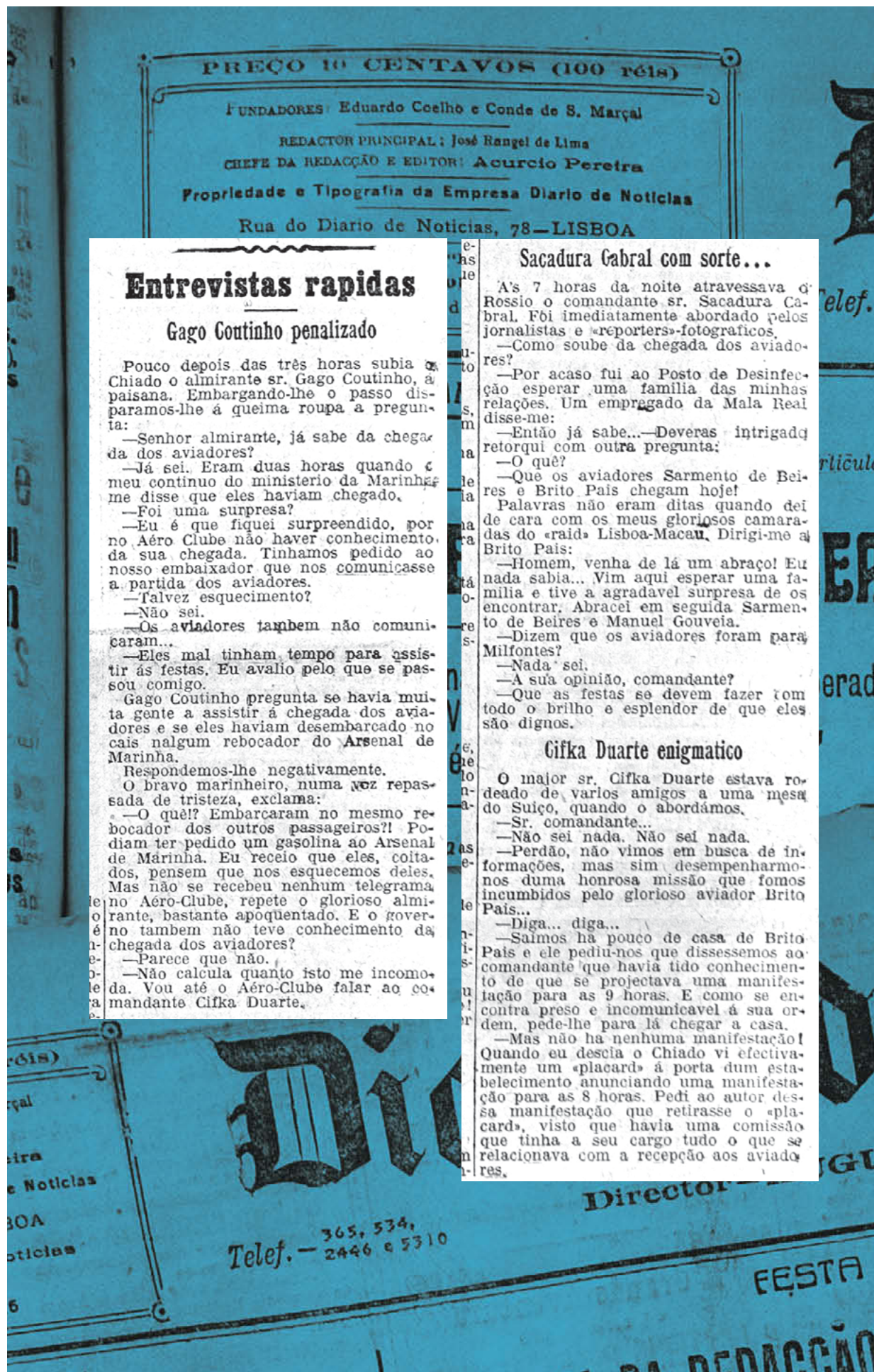
José Carlos Martins  
(Presidente do SEP)

Carlos Bareata  
(Dirigente Nacional)





**AS NOTÍCIAS  
DE 9 DE SETEMBRO  
DE 1924  
PARA LER HOJE**

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO, LUÍS MATIAS E SARA GUERRA**



CHEGARAM ONTEM A LISBOA

OS GLORIOSOS AVIADORES



Vindo pelos tempos fôra, cheio de sonho enternecido e de aventura, erguido sempre nos lábios como uma prece, ungido umas vezes pela ventura, outras vezes repassado de saudade, mordido pela desgraça, mas resplandecente e glorioso, — desde a barbaria guerreira e indomita, valorosa e violenta de Afonso Henriques até aos dias de hoje, — Portugal tem sido a patria dos que trazem dentro da alma, embalada e constante, uma ansia de vitória, um grito de triunfo, uma aurora de redenção. Vêde como ele se lançou á conquista dos mares e das terras desconhecidas, com os olhos no céu e a bravura no coração, cantando, rindo, despreocupado, — porque se fiou sempre na sua estrela, e essa estrela nunca o abandonou. Vêde-o, agora, na linda e florida aventura desses três homens, que largaram de terras alentejanas direitos a Macau, e que chegaram ali, atravessando perigos, frescos como três alfices, — como se acabassem de fazer a travessia do Tejo!

Estão entre nós os heróis. Vieram, como três simples passageiros, a bordo de um grande paquete; saltaram em terra, caíram nos braços de dois ou três amigos — e sumiram-se outra vez, na sombra, impalpáveis, misteriosos, como se Portugal inteiro os cobrisse com a sua benção nocturna e lhes lançasse em cima das cabeças aureoladas um véu tecido com a sua ternura e as suas carícias de mãe.

Mas não tardará que de um canto ao outro deste pequenino e ridente país não rebôe a hossana da Grande Hora, — a Hora da Aclamação e do Triunfo, estridente, saída de um só peito, feito de milhares de peitos, e que nos corações de todos os portugueses a voz erga um hino de graças pelo Grande Feito, que torna Portugal o maior país do mundo, nesta hora sagrada e bendita em que recolhem á Patria, cobertas de esplendor, as três águias altaneiras.

CRONICAS INDUSTRIAIS  
DIÁRIO DE NOTÍCIAS  
inicia amanhã a sua publicação  
assinadas pelo ilustre professor  
e engenheiro Vicente Ferreira





# CPI quer ouvir pai das gémeas e mulher do filho de Marcelo

**COMISSÃO** Cartas com pedidos vão ser enviadas para a justiça brasileira. Aguiar-Branco recusou pedido do Chega para acesso a comunicações da Presidência.

A Comissão de Parlamentar de Inquérito (CPI) ao caso das gémeas vai pedir à justiça que envie cartas rogatórias ao pai das crianças e à mulher de Nuno Rebelo de Sousa, Juliana Drummond, uma vez que ainda nenhum respondeu ao Parlamento. “Já pedi aos serviços para na segunda-feira enviarem um pedido ao Ministério Público para que junto de um juiz, no tribunal competente, sejam emitidas duas cartas rogatórias” para Samir Assad e Juliana Drummond, disse à Lusa o presidente da CPI.

Rui Paulo Sousa indicou que estas cartas, que vão transmitir o pedido para que os dois sejam ouvidos no âmbito do inquérito parlamentar, “serão enviadas para a justiça brasileira”, para que cheguem aos destinatários, uma vez que os contactos até agora feitos pela comissão não tiveram resposta.

“Não tivemos qualquer resposta durante este mês, nem os serviços consulares ou o Ministério dos Negócios Estrangeiros conseguiram obter qualquer endereço, contacto ou resposta no que diz respeito aos dois”, disse, indicando que também a mãe das crianças, o filho do Presidente da República ou os advogados de ambos não colaboraram com o Parlamento nestas tentativas de contacto.

O deputado do Chega referiu que este é “o último recurso” da comissão para chegar a estas pessoas.

Aguiar-Branco, presidente da Assembleia da República, recusou entretanto o pedido do Chega para que a CPI ao caso das gémeas aceda às comunicações da Presidência da República, advertindo que o não cumprimento constitui crime de desobediência qualificada.

Esta decisão consta de um despacho emitido ontem por José Pedro

Aguiar-Branco após ter recebido um parecer do Conselho Consultivo da Procuradoria-Geral da República (PGR) sobre o pedido do Chega – parecer que reforçou a sustentação que já apresentara num primeiro despacho de 17 de julho passado.

“Mantendo-se integralmente o entendimento e argumentação expendidos [...], lavrado de reforço de sustentação pelo parecer do Conselho Consultivo da PGR, decide-se recusar dar cumprimento ao pedido formulado pelo grupo parlamentar do Chega de requerer à Presidência da República o registo e/ou cópia de todas as comunicações (nomeadamente cartas, mensagens escritas por meio de telemóvel ou via internet – WhatsApp, Messenger, Telegram e mensagens de correio eletrónico) referentes ao processo das gémeas luso-brasileiras Maitê e Lorena Assad”, conclui-se no despacho. **LUSA**

## BREVES

### Profanação de urnas em cemitério do Porto deixou ossadas à mostra

A PSP confirmou terem sido profanadas duas sepulturas na madrugada de domingo no Cemitério de Ramalde, no Porto, que deixaram à mostra as ossadas dos mortos, revelando, contudo, não haver indícios de furto. Em comunicado enviado à Lusa, a Junta de Freguesia de Ramalde indicou que duas urnas foram encontradas com indícios de profanação e que a situação foi comunicada à PSP. Indicando que os meios de investigação já estavam no terreno e que não há, para já, suspeito do crime, a fonte da PSP assinalou ainda que quem fez a profanação terá saltado o muro do cemitério, pois o portão não tinha sinais de que tenha sido arrombado. “O trabalho incide agora nas ossadas, à procura de indícios que possam levar a quem praticou o crime”, acrescentou a fonte, revelando que as duas sepulturas “serão isoladas”. O cemitério vai poder estar aberto no horário normal durante esta semana.

### Letónia denuncia queda de drone russo em território da NATO

O presidente da Letónia afirmou ontem que um drone militar russo se despenhou no seu país e que as violações do território da NATO aumentaram ao longo da sua fronteira oriental. O estado báltico, que já esteve sob o domínio soviético, mas que agora é membro da UE e da NATO, tem tido relações tensas com Moscovo desde a sua independência, que se deterioraram ainda mais desde que a Rússia invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022. “Um drone militar russo [...] despenhou-se ontem [sábado] no Leste da Letónia. Está a decorrer uma investigação”, publicou o presidente, Edgars Rinkevics, na rede social X (antigo Twitter). “Estamos em estreito contacto com os nossos aliados. O número de incidentes deste tipo está a aumentar ao longo do flanco oriental da NATO e temos de lidar com eles coletivamente”, acrescentou. O ministro da Defesa da Letónia afirmou, em comunicado, que o drone entrou no espaço aéreo do país a partir da Bielorrússia e caiu no município de Rezekne. A Roménia, membro da NATO, declarou também ontem que um drone russo que visava infraestruturas civis na Ucrânia tinha penetrado no seu espaço aéreo durante a noite.

## Incêndio a leste de Los Angeles ameaça casas

Um incêndio florestal a leste de Los Angeles está a ameaçar dezenas de milhares de casas e edifícios, obrigando a evacuações no meio de uma onda de calor. Os bombeiros disseram que mais de 35 mil estruturas estavam ameaçadas pelas chamas, incluindo residências e edifícios comerciais, enquanto as autoridades emitiam ordens de evacuação para várias áreas, considerando o incêndio descontrolado.



APU GOMES / GETTY IMAGES VIA AFP



**Conselho de Administração** - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão, 195-219 - 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º - 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascensão **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa**: Páginas Civilizadas, Lda. - 41,51%, KNJ Global Holdings Limited - 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro - 20,40%, Grandes Notícias, Lda. - 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena - 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) - Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



56753

